

Alexsandro Schneider

**ANÁLISE LITÚRGICA DAS PROCISSÕES NA LITURGIA DA  
EUCARISTIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Aléx Lima  
da Silva.

Florianópolis  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da  
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

SCHNEIDER, Alexsandro

Análise litúrgica das procissões na liturgia da Eucaristia/  
Alexsandro Schneider; orientador, Rafael Alex Lima da Silva -  
Florianópolis, SC, 2019.

87 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de  
Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. Procissão. 2. Liturgia. 3. Eucaristia.

Alexsandro Schneider

## **ANÁLISE LITÚRGICA DAS PROCISSÕES NA LITURGIA DA EUCARISTIA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 28 de junho de 2019.

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva  
Coordenador do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Dr. Nome Completo do Professor  
Nome da instituição proveniente  
Avaliador

---

Prof. Dr. Nome Completo do Professor  
Nome da instituição proveniente  
Avaliador



Ao Senhor Jesus Cristo, “porque tudo é dele, por ele e para ele”. (Rm 11, 36a)



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço de modo especial a Diocese de Joinville, e ao povo de Deus que a constitui, que por confiança no chamado que Deus me fez me possibilitou realizar este curso de teologia, que com este trabalho concluo.



O Espírito e a Esposa dizem: “Vem!”. Que aquele que ouve diga também: “Vem!”. Que o sedento venha, e quem o deseja receba gratuitamente água da vida.

(Ap 22, 17)



## RESUMO

Os sinais sensíveis foram escolhidos por Cristo e pela Igreja para significar as coisas divinas invisíveis. É possível compreender o rito como algo que tem a capacidade de transformar o caótico em cosmológico, ou seja, dar ordem e sentido. As procissões e as peregrinações estão presentes na história da humanidade desde os primórdios em ambiente civil e religioso. A procissão, gesto natural e presente na história da humanidade é assumido na liturgia da Igreja como *sacramentum*, manifestando o mistério de Deus e da Igreja. As procissões relatadas na Sagrada Escritura são imagem da Igreja peregrina. Conhecendo a história das procissões nos primeiros séculos, é possível perceber seu sentido original. Das quatro procissões na celebração da Eucaristia, serão abordados alguns elementos: o modo de executá-las, conforme o que propõem os livros litúrgicos, os sinais presentes, os gestos, sua significação e motivação espiritual e teológica, e o canto que as acompanha.

**Palavras-chave:** Procissão. Liturgia. Eucaristia.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1 Cor – Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
- 1 Jo – Primeira Carta de São João
- 1 Pe – Primeira Carta de São Pedro
- 2 Cor – Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
- 2 Sm – Segundo Livro de Samuel
- Am – Livro de Amós
- Ap – Livro do Apocalipse de São João
- AT – Antigo Testamento
- At – Livro dos Atos dos Apóstolos
- CDC – Código de Direito Canônico
- CELAM – Conferência Episcopal Latino Americana
- CIC – Catecismo da Igreja Católica
- Cl – Carta de São Paulo aos Colossenses
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- Ct – Livro do Cântico dos Cânticos
- Ex – Livro do Êxodo
- Jo – Evangelho segundo São João
- Js – Livro de Josué
- Lc – Evangelho segundo Lucas
- LG – *Lumen Gentium*
- Lv – Livro do Levítico
- Mc – Evangelho segundo São Marcos
- Mt – Evangelho segundo São Mateus
- Nm – Livro dos Números
- Rm – Carta de São Paulo aos Romanos
- SC – *Sacrosanctum Concilium*
- Sl – Livro dos Salmos



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1 FUNDAMENTOS PARA COMPREENSÃO DAS PROCISSÕES.....</b>	<b>19</b>
1.1 CELEBRAÇÃO DA FÉ A PARTIR DO SÍMBOLO.....	19
1.1.1 Sinal.....	21
1.1.2 Imagem.....	22
1.1.3 Símbolo .....	22
1.1.4 Rito.....	24
1.1.5 A Encarnação e a liturgia: manifestadoras do Mistério .....	26
1.2 PROCISSÕES LITÚRGICAS .....	29
1.3 PROCISSÕES DEVOCIONAIS.....	31
<b>2 A HISTÓRIA DAS PROCISSÕES.....</b>	<b>35</b>
2.1 O FENÔMENO DAS PROCISSÕES PRESENTE NA ANTIGUIDADE .....	35
2.2 A PROCISSÃO NO ANTIGO E NO NOVO TESTAMENTOS.....	40
2.3 PROCISSÕES NA LITURGIA DA EUCARISTIA NOS PRIMEIROS SÉCULOS.....	42
2.3.1 Procissão de entrada .....	43
2.3.2 Procissão para a proclamação do Evangelho .....	46
2.3.3 Procissão das oferendas .....	47
2.3.4 Procissão da comunhão.....	50
<b>3 AS PROCISSÕES NA CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA .....</b>	<b>53</b>
3.1 A PROCISSÃO DE ENTRADA.....	55
3.1.1 Desenvolvimento do rito e sentido litúrgico.....	55
3.1.2 Motivações, fundamentos e sentido bíblico.....	58
3.1.3 Canto.....	60
3.2 A PROCISSÃO PARA A PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO .....	62
3.2.1 Desenvolvimento do rito e sentido litúrgico.....	62
3.2.2 Motivações, fundamentos e sentido bíblico.....	64
3.2.3 Canto.....	65
3.3 A PROCISSÃO PARA APRESENTAÇÃO DAS OFERENDAS.....	66
3.3.1 Desenvolvimento do rito e sentido litúrgico.....	66
3.3.2 Motivações, fundamentos e sentido bíblico.....	67
3.3.3 Canto.....	70

<b>3.4</b>	<b>A PROCISSÃO PARA A COMUNHÃO.....</b>	<b>72</b>
<b>3.4.1</b>	<b>Desenvolvimento do rito e sentido litúrgico.....</b>	<b>72</b>
<b>3.4.2</b>	<b>Motivações, fundamentos e sentido bíblico .....</b>	<b>73</b>
<b>3.4.3</b>	<b>Canto.....</b>	<b>75</b>
	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>

## INTRODUÇÃO

Atualmente o tema da espiritualidade litúrgica tem conquistado um lugar privilegiado na reflexão teológica, na mesma medida em que o tema da liturgia está ganhando espaço e se tornando um assunto que as pessoas procuram conhecer mais para vivenciarem melhor.

Esta pesquisa tem como tema as procissões na liturgia da Eucaristia. Todo empenho em procurar conhecer e explicitar os fundamentos, as motivações e a história dos ritos são de grande valia, haja vista ser este um tema sempre recorrente na atualidade.

Inicia-se expondo noções gerais sobre a liturgia e os sacramentos, a fim de que por meio disso se possa lançar um olhar mais acurado sobre o tema em questão. No segundo capítulo, será exposta uma abordagem histórica das procissões em ambiente secular e religioso antigo, bíblico e por fim eclesástico católico. No terceiro capítulo, serão analisados alguns elementos das procissões realizadas na celebração da Eucaristia: sua maneira de executar e orientações segundo os livros litúrgicos, suas motivações, fundamento simbólico e bíblico e o canto que as acompanha.

Os ritos presentes na liturgia da Igreja constituem uma epifania sacramental da salvação. Mediante sinais e ações sensíveis, comunicam de modo eficaz o que significam. De fato, celebra-se aquilo que se crê e crê-se no que é celebrado. Faz-se necessário, aprofundar-se cada vez mais no conhecimento daquilo que é experimentado com os sentidos por meio da celebração, a fim de que seja possível celebrar de modo mais consciente, ativo e frutuoso.

O sinal sacramental é uma forma de acesso ao Mistério. É como um substituto da coisa significada, mas está em relação e depende dela. Deve ser evidente para comunicar a coisa que significa e, por isso, deve ser mais notado que ela. Assim sendo, o sinal ao mesmo tempo que revela, esconde. Destina-se a significar a coisa que permanece oculta. De alguma maneira também o torna presente, aproxima a realidade simbolizada. Portanto, quem entra em contato com a realidade do símbolo, de certo modo, entra em contato com o simbolizado.

De fato, liturgia é ação simbólica e ritual, e sua finalidade é a comunhão com Deus. Ele entra em comunhão para levar a salvação a efeito e, em resposta, é louvado e glorificado. Esta comunhão chega ao seu maior efeito quando envolve todo o ser, também físico e dotado de sentidos.

A Igreja peregrina encontra seu referencial primeiro no povo de Israel que caminhava rumo a terra prometida. Nas diversas procissões presentes na liturgia, é possível contemplar de forma simbólica (e

sacramental), o Mistério de Deus e da própria Igreja. Nas procissões vê-se a Igreja que “caminha nas estradas deste mundo rumo ao céu, renovando a cada dia sua esperança”, conforme aponta a oração eucarística quinta. Caminha para atender a voz daquele que a chama e a congrega para a unidade; caminha para ouvir a sua voz e nutrir-se de sua Palavra; caminha para apresentar ao Senhor os seus agradáveis dons; enfim, caminha para entrar em comunhão com aquele que a desejou para si, e constantemente a diz: “Vem!”, ela mesma que também o conclama: “Vem!”, como uma esposa ornada para seu marido, imagem presente no livro do Apocalipse.

Assim, a liturgia engloba a totalidade do ser humano, que se expressa e toma parte das coisas sagradas por meio de seus próprios gestos, do seu agir. O símbolo assume então um caráter dinâmico, não meramente estático, dando força de expressão a Palavra e ao próprio Mistério.

A Sagrada Eucaristia, conforme demonstra a constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium* no número 10, é “a fonte e o ápice da vida da Igreja”. Cada vez mais, em um mundo em que o simbólico tem sido esvaziado de seu sentido, e o secularismo e a aversão ao sagrado têm se tornado patente, é necessário e muito pertinente analisar e aprofundar os estudos sobre os símbolos presentes na celebração da Eucaristia. Isso para que com maior conhecimento acerca do desenvolvimento dos ritos presentes na celebração e seus símbolos, os fiéis sejam favorecidos em sua participação ativa, consciente e frutuosa, como pede o concílio Vaticano II em seu documento sobre a liturgia.

As procissões na celebração da Eucaristia são ricas de valor simbólico, quando acontecem de modo que fiéis ao mistério que comunicam, são realizadas de forma adequada.

Pela participação na celebração da Eucaristia, os homens são santificados por Deus e podem elevar a ele seu louvor e ação de graças. Mas também, e em consequência disso, são convidados a aprofundar-se sempre mais no conhecimento dos sagrados mistérios. A análise dos ritos sempre é pertinente para que seja possível conhecer melhor o que é celebrado e para que a participação se torne efetivamente mais eficaz.

## 1 FUNDAMENTOS PARA COMPREENSÃO DAS PROCISSÕES

A liturgia da Igreja é, como define a *Sacrosanctum Concilium*, “o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força”.<sup>1</sup> De modo muito especial a celebração da Eucaristia, liturgia à qual acorrem a maioria dos cristãos católicos, encontra grande força de expressão na vida do povo; é sua principal fonte da graça e santificação, e meio pelo qual se glorifica a Deus.<sup>2</sup> Contudo, para que haja uma participação plena dos fiéis nos sagrados mistérios, é importante lançar um olhar mais acurado sobre os ritos, os símbolos e as ações em geral, bem como seus significados na celebração.

### 1.1 CELEBRAÇÃO DA FÉ A PARTIR DO SÍMBOLO

Faz-se necessário ter uma compreensão geral do que seja o símbolo e de que modo a fé implica sobre a liturgia e nela se manifesta quando pretende-se analisar algum rito, haja vista ser ele constituído justamente de símbolos, palavras e ações.

A definição de liturgia proposta pelo Concílio Vaticano II segue a ideia clássica de sacramento.<sup>3</sup> A partir disso, convém observar o que propõe Cipriano Vagaggini:

[...] A liturgia é o ponto de contato entre Deus e a Igreja, no qual a iniciativa sempre é de Deus. E uma vez que a ação de Deus que santifica a Igreja não se realiza senão por intermédio de e em Cristo, e que a resposta cultural da Igreja não se faz senão por meio de e em Cristo, a liturgia é, sob o manto dos sinais sensíveis e eficazes, o ponto de encontro

---

<sup>1</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: VIER, Frederico (Coord.). COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 265. SC 10.

<sup>2</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1996, p. 265; SC 10.

<sup>3</sup> Tal definição está exposta no Catecismo: “Os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, pelos quais nos é dispensada a vida divina”. (CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 277-278; CIC 1131).

em Cristo do Deus que santifica a Igreja e da Igreja que responde rendendo o seu culto a Deus.<sup>4</sup>

Os sacramentos não são constituídos de sinais que simplesmente indicam uma realidade externa a si, meramente estáticos, “mas de ações simbólicas que além de evocar, realizam.”<sup>5</sup> Há uma linguagem própria que se desenvolve na ação litúrgica cujo objetivo é a comunicação entre Deus e os seres humanos e, portanto, há um método que nomina-se rito, o qual por meio de seus instrumentos (palavras, ações, atitudes, elementos materiais) representa uma realidade alheia a si, mas que vai além de uma mera figuração, fazendo adentrar a sua realidade gerando não apenas um processo de significação, mas de comunhão.

No Código de Direito Canônico, ao tratar da liturgia como exercício do múnus de santificar, observa-se o seguinte:

Cân. 834 – § 1. A Igreja desempenha seu múnus de santificar, de modo especial por meio da sagrada Liturgia, que é tida como exercício do sacerdócio de Jesus Cristo, na qual, por meio de sinais sensíveis, é significada e, segundo o modo próprio de cada um é realizada a santificação dos homens, e é exercido plenamente pelo Corpo místico de Jesus Cristo, isto é, pela cabeça e pelos membros, o culto público de Deus.

§ 2. Esse culto se realiza quando é exercido em nome da Igreja por pessoas legitimamente a isso destinadas e por atos aprovados pela autoridade da Igreja.<sup>6</sup>

De fato, Cristo é o sacramento original e fonte, e a liturgia é o exercício do sacerdócio de Cristo, onde os sinais realizam o que significam e onde o corpo místico de Cristo exerce o culto público integral.<sup>7</sup> Faz-se mister levar em conta que esta concepção apontada pelo direito é mais jurídica que teológica, mas dotada de valor. Tem por

---

<sup>4</sup> VAGAGGINI, Cipriano. **O Sentido Teológico da Liturgia**. Trad. Francisco F. de Moraes. São Paulo: Loyola, 2009. p. 47.

<sup>5</sup> AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia e espiritualidade**. Trad. Comercindo B. D. Costa. São Paulo: Ave-Maria, 1996. p. 98.

<sup>6</sup> CÓDIGO de Direito Canônico. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 2017. p. 395. CDC 834.

<sup>7</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1996, p. 265; SC 10.

objetivo garantir a ortodoxia do discurso ritual e sua manifestação no culto público.

### 1.1.1 Sinal

O sinal, nas palavras de Santo Agostinho, “[...] é uma coisa que, além da forma que imprime nos sentidos, leva ao conhecimento de alguma coisa diferente de si”.<sup>8</sup> Torna-se, assim, um instrumento que faz chegar ao conhecimento da coisa significada. São representações plásticas de coisas sensíveis ou não. Expressa a coisa escondida sendo como que uma ponte entre a coisa significada e aquele que tem a capacidade de a conhecer. Mas também é como um véu que precisa ser penetrado, podendo ser um obstáculo, se não for bem compreendido, ou um revelador para quem tem a possibilidade de compreendê-lo.<sup>9</sup>

A importância da iniciação à vida litúrgica é grande e deve acontecer no tempo da primeira catequese.

Ajudar o catequizando a vivenciar os símbolos e gestos celebrados como realidades divinas fazem parte da educação de sua fé. Os símbolos provocam e possibilitam a experiência de Deus em nossa vida.<sup>10</sup>

Estes elementos simbólicos de que a liturgia dispõe são caminhos de fé e que suscitam esperança de abertura para a transcendência. Para Vagaggini,

O sinal instrumento é como que uma ponte sensível pela qual o espírito humano, princípio espiritual de conceitos e afetos, se comunica, através da matéria, com o mundo invisível, ou de qualquer forma não presente a ele, e exprime a si mesmo.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 50.

<sup>9</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 51.

<sup>10</sup> NUCLEO DE CATEQUESE DAS PAULINAS. **Mistagogia**: do visível ao invisível. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 15.

<sup>11</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 51.

No cotidiano, lida-se com sinais mais ou menos complexos. Mas em âmbito litúrgico, estão de modo mais evidente e carregados de valor. Junto ao conceito de sinal, há o de imagem.

### 1.1.2 Imagem

Por imagem, segundo o Dicionário de Liturgia Pastoral, compreende-se “a manifestação visível, perceptível da realidade, a qual não se teria acesso de outro modo; imagem é, portanto, epifania”.<sup>12</sup> Toda liturgia torna-se epifania porque é imagem e manifestadora da realidade divina, que se tornou palpável.

Cristo é imagem do Pai, porque tornou palpável a sua realidade. Já o atestam suas próprias palavras: “Quem me viu, viu o Pai”,<sup>13</sup> e também as palavras do apóstolo Paulo: “Ele é a imagem do Deus invisível”.<sup>14</sup> E do mesmo modo que Cristo é imagem do Pai, sua manifestação visível, a liturgia continua a manifestar o Cristo e torna possível contemplá-lo. Nas palavras de São Leão Magno: “o que podia ser contemplado no nosso Redentor, passou para os Sacramentos”.<sup>15</sup> Isso porque após a ascensão do Senhor, já não era mais possível ter com ele uma experiência palpável de modo direto. Assim, os sinais sagrados se manifestam como imagem do Cristo.

### 1.1.3 Símbolo

O símbolo é a linguagem do mistério, ou seja, é a comunicação do mistério. Os símbolos na liturgia contêm, ocultam, e ao mesmo tempo revelam e comunicam o mistério. Por isso dizemos que na liturgia todos os sinais são sinais simbólicos, e serão sinais litúrgicos na medida em que forem capazes de ocultar, conter, revelar e comunicar os mistérios de Cristo.

---

<sup>12</sup> GUARDINI, Romano. Imagem/figura. In: BERGER, Rupert (Dir.). **Dicionário de Liturgia Pastoral**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Loyola, 2010. p. 189-190. p. cit. 189.

<sup>13</sup> BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Jo 14, 9.

<sup>14</sup> Cl 1,15.

<sup>15</sup> LEÃO MAGNO. Segundo Sermão na Ascensão do Senhor. In: \_\_\_\_\_ **Sermões**. Coleção Patrística. v. 6. Trad. Sérgio J. Schirato e outros. São Paulo: Paulus, 1996. p. 174; Serm. LXXIV, 2.

Símbolo, não se identifica nem com imagem, nem com sinal. Para falar de símbolo é importante distinguir sinais comuns, que representam realidades do mundo sensível e percebidas pelos sentidos, de sinais especiais que representam realidades ideais e teológicas, que embora pertençam ao mundo ideal dos valores, não são de todo alheios ao mundo sensível. Não se diz que uma determinada estátua é símbolo de tal pessoa, mas sua imagem; nem que o toque do sino seja um símbolo, mas sim um sinal. Atualmente o que se compreende por símbolo se aproxima muito ao conceito de sinal.<sup>16</sup>

Na antiguidade o símbolo, de algum modo, era aquilo que significava, havendo com ele uma identificação profunda. “O símbolo era entendido como um mistério e o mistério não se concebia sem símbolo.”<sup>17</sup> Ele não só informa, mas faz entrar na sua dinâmica, levando a uma aproximação de si e tem o poder de representar ou substituir a realidade da qual é sinal, o que não acontece com o sinal simples.

Tomando por exemplo o símbolo do banho batismal, observa-se que ele não apenas informa algo alheio a si, não apenas informa a purificação, mas comunica a vida nova daqueles que sepultados com Cristo e mortos para o pecado, ressurgem com ele para uma vida nova de modo que o submergir e o ressurgir faz a pessoa adentar na realidade da morte e ressurreição do próprio Cristo, conforme atesta São Paulo na Carta aos Romanos: “Portanto pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova”.<sup>18</sup>

O símbolo estabelece certa aproximação afetiva e efetiva, que não se alcança de outro modo, gerando maior envolvimento entre a realidade que comunica e aquele que o recebe. Afetiva porque ao estabelecer contato com o símbolo, se estabelece também uma relação sendo por ele, de algum modo, afetado. Obtém-se o conhecimento de algo mediante a relação estabelecida entre o sujeito que busca conhecer e o objeto a ser conhecido.<sup>19</sup>

Os símbolos, que significam a realidade simbolizada, são seus sinais sensíveis e eficazes e possuidores de valor idêntico a ela, não sendo substancialmente diferente dela, mas realidades na forma de sinais, que

---

<sup>16</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 53.

<sup>17</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 55.

<sup>18</sup> Rm 6, 4.

<sup>19</sup> ALDAZÁBAL, José. **Gestos e Símbolos**. Trad. Alda A. Machado. São Paulo: Loyola, 2005. p. 17.

as substituem, tornando possível a universalidade de tal realidade, agilizandando e funcionalizando a sua presença.<sup>20</sup>

Segundo Sartore e Triacca, os símbolos na liturgia e as ações simbólicas verdadeiras, não podem funcionar simplesmente como meros sinais transmissores de mensagem, mas provocam para uma tomada de posição e dão o sentido da fé para a vida, valendo-se inclusive de implicações morais.<sup>21</sup> Compreende-se a partir dessa reflexão quão importante para a sagrada liturgia é o símbolo. Quando o ser humano participante da liturgia a celebra de modo consciente, pode compreender o que o símbolo pretende comunicar e por meio dele pode expressar sua fé e louvar a seu Criador e encontrar na liturgia, sentido para sua vida.

#### 1.1.4 Rito

Segundo Matias Augé, “o rito é uma ação simbólica complexa constituída por gestos e palavras, com uma estrutura pré-formada e institucionalizada, de caráter tradicional”.<sup>22</sup> Todo rito está constituído e impregnado de símbolos, e a realidade simbólica litúrgica está impregnada de significados que a transcendem.

É possível, segundo Ratzinger, por meio da liturgia “entrar na ação de Deus, a fim de estarmos em cooperação com ele”.<sup>23</sup> Na liturgia, “exercitamos nosso corpo para a ressurreição”.<sup>24</sup> Há, portanto, uma veemente necessidade de treinar o corpo para a nova realidade da ressurreição iniciada por Cristo, a qual a liturgia remete. Por meio da gestualidade, é exposta a natureza da própria liturgia, que quer também tornar transfigurada a vida como um todo.

O símbolo é algo que toca a corporeidade, lembra, faz memória, traz presente uma realidade escondida e cheia de significado. Permite vivenciar e comprometer-se com esta realidade invisível, espiritual, que transcende a razão, como o amor, a amizade, o acolhimento, o carinho, a solidariedade, a fé, a comunhão.

---

<sup>20</sup> CARVALHO, Geraldo B. **Sinais e Símbolos**. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos/sinais-e-simbolos/21678> > Acesso em: 20 mar. 2019.

<sup>21</sup> SARTORE, Domenico. TRIACCA, Achille M. **Dicionário de Liturgia**. Trad. Isabel F. L. Pereira. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1142.

<sup>22</sup> AUGÉ, Matias. **Espiritualidade Litúrgica**. Trad. Comercindo B. D. Costa. São Paulo: Ave Maria, 2012. p. 61.

<sup>23</sup> RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Espírito da Liturgia**. Trad. Jana A. Olsansky. Paulinas: São Paulo, 2001. p. 130.

<sup>24</sup> RATZINGER, 2001, p. 130.

A diversidade simbólica presente nos sagrados ritos é grande e chega a envolver todos os sentidos, e o exercício dos sentidos se dá por diversos meios. Há coisas para cheirar (como a crisma perfumada e o incenso), para degustar (como o pão e o vinho), tocar e ser tocado (no abraço da paz aos irmãos, ou mesmo o beijo do altar), ouvir (o canto ou as leituras) e para ver (os gestos, cores, adornos). Por meio dos sentidos, que tomam parte nos sagrados ritos de modo direto, tem-se acesso a beleza do próprio Cristo, modelo de vida verdadeiramente bela, capaz de tornar bela toda e qualquer existência.

Possibilitando a contemplação do belo, a liturgia permite que seja feita a passagem da beleza que transcende do “para mim” para o “maior do que eu”.<sup>25</sup> A beleza pode ser contemplada de muitos modos:

A beleza do amor de Cristo vem, cada dia, ao nosso encontro, não apenas pelo exemplo dos santos, mas também na sagrada liturgia, sobretudo na celebração da Eucaristia, na qual o mistério se faz presente e ilumina de sentido e de beleza toda a nossa existência. É o extraordinário meio pelo qual Nosso Senhor, morto e ressuscitado, nos transmite a sua vida, nos une ao seu corpo, como seus membros vivos e, assim, nos torna partícipes de sua beleza.<sup>26</sup>

A beleza é também o modo pelo qual Deus se manifesta nas coisas criadas, sinalizando no cosmos, sua atraente presença, sem com elas se confundir. Porém, tal beleza não fica apenas no campo dos sentidos, como algo agradável aos olhos ou pela sua aparência externa, no campo dos fenômenos, mas escondida muitas vezes no não-belo ou terrível. Vai direto ao coração, atraindo de forma mística e radical. É esta beleza, própria de Deus, que está contida nos símbolos, e que tem a capacidade de falar diretamente ao coração.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS. *Via Pulchritudinis*: o caminho da beleza. Trad. Cláudio Pastro. São Paulo: Loyola, 2007. p. 58.

<sup>26</sup> ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS, 2007, p. 55.

<sup>27</sup> COSTA, Valeriano Santos. **Viver a Ritualidade Litúrgica como Momento Histórico da Salvação**: participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 32-33.

Na liturgia o símbolo torna-se a linguagem própria tanto da manifestação do mistério, quanto da manifestação do culto a Deus. Assim, para Nasser,

Considerando que a linguagem é uma expressão do pensamento e que a transcendência é uma categoria fundamental da estrutura humana, a linguagem, ao expressar o pensamento e a experiência, expressa também a transcendência.<sup>28</sup>

Compreende-se a partir disto que transcender não é apenas ter acesso a uma realidade além, distante, mas por serem os seres humanos infinitos, ir além do que é finito.<sup>29</sup>

### 1.1.5 A Encarnação e a liturgia: manifestadoras do Mistério

A lei da encarnação dá o fundamento necessário para compreender o caráter humano da liturgia. É através das coisas sensíveis que Deus se comunica ao ser humano, em sacramento, a sua vida divina.<sup>30</sup> E o resultado de tal comunicação é a elevação do ser humano a um modo de ser e agir divinos, de modo que preservando aquilo que é próprio de cada um, o ser humano pela liturgia é realmente divinizado.<sup>31</sup>

Deus, ao assumir o corpo sensível, torna possível as relações com ele, de modo que nele a natureza humana é assumida desde o primeiro instante pela pessoa divina. O divino desce ao humano e o humano é atraído pelo divino no modo mais perfeito que se possa conceber. E ainda assim, a divindade manifestando-se de modo tão misterioso, não podia ser vista senão pelos olhos da fé.<sup>32</sup>

Não se pode ir a Deus e elevar a ele louvores, senão “passando por essas coisas sensíveis e espirituais, ao mesmo tempo que são por elas e, portanto, pelos sacramentos pelos quais age a virtude divina santificadora.”<sup>33</sup> Assim, os sacramentos não são apenas símbolos para excitar os sentidos, mas verdadeiros instrumentos intermediários da graça. Esta via, baseada na encarnação, foi a querida por Deus para

---

<sup>28</sup> NASSER, Maria C. Q. C. **O Que Dizem os Símbolos**. São Paulo: Paulus, 2003. p. 21.

<sup>29</sup> NASSER, 2003, p. 22.

<sup>30</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 269.

<sup>31</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 270.

<sup>32</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 270.

<sup>33</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 271-272.

comunicar-se aos homens. E é graças a ela que é possível a todo fiel após celebrar a liturgia fazer suas as palavras do apóstolo João:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da Vida – porque a Vida manifestou-se: nós a vimos e damos testemunho e vos anunciamos esta Vida eterna que estava voltada para o Pai e nos apareceu –, o que vimos e ouvimos nós vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco.<sup>34</sup>

É importante ressaltar a unicidade do mistério celebrado nos sacramentos e na liturgia em geral, tendo em vista sempre se tratar de um único e mesmo mistério de salvação realizado por Cristo em toda a sua vida, mas sobretudo no mistério pascal: sua paixão, morte e ressurreição. Este mesmo mistério é atualizado de modo que se coloque em realce um de seus aspectos correspondendo ao sinal sacramental e a situação do sujeito que o recebe.<sup>35</sup>

O mistério, em âmbito litúrgico, não deve ser entendido simplesmente com um sentido ocultista, ou como algo que tem sua referência na realidade ideal, mas sim como “o designio universal de salvação do Pai, revelado ou realizado em Jesus Cristo”,<sup>36</sup> de modo que se manifestará somente no seu fim escatológico, “quando Deus será tudo em todos”<sup>37</sup> e então se realizará por completo o seu Reino.

O Mistério é o próprio Deus em si mesmo, que se manifesta desde a criação do mundo e revelado plenamente em Jesus Cristo. No mistério trinitário está a fonte de toda liturgia, que se celebra continuamente no céu e na terra até que chegue aquele dia derradeiro em que tudo será transformado.<sup>38</sup>

Toda ação litúrgica não é composta somente de gestos, ou de ações simbólicas que continuem em si uma linguagem, “mas é preciso que a

---

<sup>34</sup> 1 Jo 1, 1-3a.

<sup>35</sup> BOROBIO, Dionísio. **História e Teologia Comparada dos Sacramentos**: o princípio da analogia sacramental. Trad. José J. Sobral. São Paulo: Loyola, São Paulo: Ave Maria, 2017. p. 201.

<sup>36</sup> BELLOSO, Josep M. R. **Os Sacramentos**: símbolos do espírito. Trad. Thiago Gambi. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 44.

<sup>37</sup> 1 Cor 15, 28.

<sup>38</sup> COSTA, 2005. p. 20.

Palavra de Deus e a resposta da fé acompanhem e vivifiquem estas ações, para que a semente do Reino produza seu fruto em terra fértil”.<sup>39</sup>

Toda ação litúrgica é necessariamente uma ação ritual. Conforme Valeriano Santos Costa, “rito é o conjunto de ações ou gestos simbólicos que tem por objetivo assumir, expressar, celebrar, o acontecimento que motiva uma celebração”.<sup>40</sup>

Enquanto se encontra na perspectiva deste mundo, a relação com o Mistério exige celebração, que se realiza na sacramentalidade da liturgia. Nas palavras de Valeriano, “então diríamos que a fonte nos leva ao rito como ‘rio da vida’”.<sup>41</sup>

Baseando-se na etimologia antiga da palavra rito (*ritus* – no latim, que indica ordem estabelecida; *ri* – de raiz indo-europeia, que significa escorrer), poderia se afirmar do rito como um fluir de movimento e repouso. Uma realidade que modula o tempo, dando uma certa *ordem cósmica*, em concepção védica antiga e que é dada pelos deuses e assumida pelos homens. Em contexto budista temos a palavra *dharma* que designa a ordem cósmica que todo ser deve obedecer.<sup>42</sup>

A partir da definição exposta, é possível compreender o rito como algo que tem a capacidade de transformar o caótico em cosmológico, ou seja, dar ordem, organizar, dar sentido.<sup>43</sup>

Quando se utiliza a palavra ‘rito’, se faz referência a uma ação realizada em um determinado tempo e espaço. Trata-se de ações que são diferentes das ações da vida ordinária e se distinguem do comportamento comum.<sup>44</sup>

Referem-se às ações ou trabalhos que não estão, portanto, no campo do pensamento ou das ideias e que adquirem um significado dentro de um determinado contexto, de uma determinada cultura ou religião. E são reconhecidas como tal, com o fim de unir os corações daqueles que dele participam e estabelecer uma nova ordem, ou

---

<sup>39</sup> CATECISMO, 1993. p. 282; CIC 1153.

<sup>40</sup> COSTA, 2005, p. 53.

<sup>41</sup> COSTA, 2005, p. 20.

<sup>42</sup> TERRIN, Aldo N. **O Rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. Trad. José M. de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004. p. 18-19.

<sup>43</sup> TERRIN, 2004, p. 19.

<sup>44</sup> TERRIN, 2004, p. 20.

reorganizar aquilo que pelas diversas circunstâncias da vida foi desorganizado.

## 1.2 PROCISSÕES LITÚRGICAS

Os sinais sensíveis foram escolhidos por Cristo e pela Igreja para significar as coisas divinas invisíveis.<sup>45</sup> Tais sinais realizam aquilo que significam.<sup>46</sup> São sensíveis porque atingem a sensibilidade humana através de sua corporeidade. Por isso, a liturgia que é encontro com Deus e com os outros, pede também “as ações ou gestos e posturas corporais”.<sup>47</sup>

Segundo o Manual de Liturgia do CELAM, “também em nossas relações com Deus, o gesto, a postura, o movimento corporal são sinais.”<sup>48</sup> Daí a importância de se executar e vivenciar bem a gestualidade evitando os perigos do automatismo<sup>49</sup> e do mimetismo gestual, de modo que se aprenda a orar com o corpo.<sup>50</sup>

A presença da palavra é essencial na liturgia, porém, por meio das expressões corporais torna-se possível enfatizar aquilo que está no interior do ser humano, mas que as palavras não comportam. Diante disso, faz-se *gestos com palavras*. Como apontam Antonio e Ivanir,

É na insuficiência da linguagem que a corporeidade assume sua função específica no ato de comunicar. É nesta insuficiência que a linguagem do corpo torna-se sinal mistagógico para os sentimentos religiosos de nossa interioridade.<sup>51</sup>

O gesto assume a função de dizer o *indizível*.

O rito assume o caráter de evento, e não de relato, e tem o poder de sacralizar o mundo repetindo as ações divinas. “O mito pertence à

<sup>45</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 302; SC 122.

<sup>46</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 262; SC 6.

<sup>47</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 272; SC 30.

<sup>48</sup> ARANDA, Alberto. Como celebramos? In: CELAM. **Manual de liturgia I: A celebração do mistério pascal - introdução à celebração litúrgica**. v. 1. Trad. Maria S. Gonaçalves. São Paulo: Paulus, 2004. p. 171.

<sup>49</sup> Executar os gestos automaticamente, sem consciência, irrefletidamente.

<sup>50</sup> ARANDA, 2004, p. 171.

<sup>51</sup> BOGAZ, S. Antonio; SIGNORINI, Ivanir. **A Celebração Litúrgica e seus Dramas**. São Paulo: Paulus, 2003. p. 119.

ordem da narração, o rito à ordem da ação. O mito recorda o mundo dos deuses, o rito o reproduz”,<sup>52</sup> define Boróbio. Portanto, “enquanto o mito provoca a lembrança, o rito evoca a presença.”<sup>53</sup>

Entre diversos gestos simbólicos, tem-se a procissão que é o objeto principal de estudo desta pesquisa. Assim como outros símbolos litúrgicos, ela está presente em na humana vida de muitos modos, bem como na vida da Igreja, podendo assumir um caráter ritual ou devocional.

Júlian López Martín, faz uma boa distinção entre *ações litúrgicas* e *não litúrgicas* ao dizer que os atos sagrados (litúrgicos) são aqueles instituídos por Jesus Cristo ou a Igreja, contidos nos livros litúrgicos aprovados pela Santa Sé e realizados por pessoas legitimamente deputadas para realizar tal ato; os demais atos sagrados que não atendem a todos estes requisitos são atos de piedade. Esta é uma visão jurídica. Numa abordagem teológica, são ações litúrgicas aquelas que pertencem ao corpo eclesial e manifesta a natureza sacramental da Igreja e o mistério de Cristo.<sup>54</sup>

É importante ter clara a distinção evidente entre cortejo litúrgico solene, também chamado de procissão e peregrinação (com caráter mais devocional), que tem normalmente como ponto de chegada um santuário.<sup>55</sup> Segundo o Dicionário de Liturgia, de Sartore e Triacca, para a procissão requer-se que antes de caminhar juntos haja a reunião de uma assembleia estruturada, que parte de um lugar definido para um objetivo e caminho bem traçados, sendo sempre ato de comunidade. A peregrinação, embora possa assumir em determinados momentos de seu percurso um caráter de procissão, tem maior liberdade e caráter de adaptação, podendo ser realizada até mesmo individualmente.<sup>56</sup>

Na vida do povo observamos inúmeras manifestações religiosas por meio de procissões. Nas diversas religiões e em todos os tempos isto pode ser encontrado: sejam penitenciais, festivas ou mesmo rogativas. No judaísmo, observamos as peregrinações ao templo, por exemplo, relatadas no Antigo Testamento. No islamismo, as peregrinações

---

<sup>52</sup> BOBOBIO, Dionísio. Matrimônio. In: BOBOBIO, Dionísio. (Org.). **A Celebração na Igreja II: sacramentos**. v. 2. Trad. Luiz J. Gaio. São Paulo: Loyola, 1993. p. 422.

<sup>53</sup> COSTA, 2005, p. 53.

<sup>54</sup> MARTÍN, JÚLIAN L. **A Liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral**. Trad. Antônio E. Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 96-97.

<sup>55</sup> WEGMAN, H. A. J. et al. Procissão. In: BERGER, Rupert (Dir.). **Dicionário de Liturgia Pastoral**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Loyola, 2010. p. 328-329. p. cit. 328.

<sup>56</sup> SARTORE; TRIACCA, 1992. p. 947.

frequentes a Meca e Medina. No hinduísmo, as peregrinações ao rio Ganges, com o fim de lá se purificar, ou mesmo derramar as cinzas dos mortos. Enfim, as procissões ou peregrinações, podem assumir motivações diversas e perpassam os limites do mundo cristão, ou mesmo, do universo religioso.

Nesta pesquisa têm-se a pretensão de analisar, em meio a tantas manifestações processionais ricas de valor e beleza, aquelas que estão dentro do rito da Sagrada Eucaristia. São elas: procissão de entrada, procissão com o Evangelho, procissão para apresentação das oferendas e procissão para a comunhão.

Estas procissões estão presentes no rito da Eucaristia desde o período após as perseguições, quando passou a haver a possibilidade de os cristãos cultuarem a Deus publicamente. São procissões de caráter propriamente ritual.

### 1.3 PROCISSÕES DEVOCIONAIS

De grande valor também são as procissões devocionais, porque são resultado da fé ou da cultura do povo. Ainda que não seja o objeto propriamente desta pesquisa, é válido expor brevemente a natureza e característica deste fenômeno tão belo, rico e de grande valor para o povo.

Nem tudo na vida da Igreja e dos fiéis é liturgia. É o que nos aponta a *Sacrosanctum Concilium*, ao dizer que “A Sagrada Liturgia não esgota toda a ação da Igreja [...]”.<sup>57</sup> E também não é a única forma de oração da Igreja, conforme o mesmo documento mais adiante: “Contudo, a vida espiritual não se restringe à participação na sagrada Liturgia [...]”.<sup>58</sup> Também o Catecismo da Igreja Católica aborda tal tema:

[...] O senso religioso do povo cristão encontrou, em todas as épocas, sua expressão em formas diversas de piedade que circundam a vida sacramental da Igreja como veneração de relíquias, visitas a santuários, peregrinações, procissões, viasacra, danças religiosas, o rosário, as medalhas, etc.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 264; SC 9.

<sup>58</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 266; SC 12.

<sup>59</sup> CATECISMO..., 2000, p. 394. CIC 1674

Desde o princípio, na vida da Igreja, coexistiram as devoções e a liturgia e a religiosidade popular como expressões de fé. Atesta-nos o relato da peregrina Etéria,<sup>60</sup> no fim do século IV em sua peregrinação a Jerusalém, a mistura destas dimensões. Ocorreu muitas vezes de algo que inicialmente era uma devoção depois ser foi assumido pela liturgia, como o caso das antífonas marianas.<sup>61</sup>

Em muitas culturas e religiões, o ato de caminhar juntos assume sentido simbólico, unindo oração e movimento. Também no cristianismo esse gesto simbólico assume caráter especial por expressar a dinamicidade da vida da Igreja que avança em marcha, exteriorizando sua índole de conversão e festa. Também pelo fato de a procissão assumir o caráter comunitário, pode expressar a vontade comum de atingir uma meta.<sup>62</sup>

Neste contexto, é importante ter em conta o que diz a *Sacrosanctum Concilium*, garantindo a centralidade da liturgia: “[...] estes exercícios devem ser organizados de tal maneira que condigam com a Sagrada Liturgia, dela de alguma forma derivem, para ela encaminhem o povo, pois que ela, por sua natureza, em muito os supera.”<sup>63</sup> Conclui-se daí que a ligação entre a liturgia e estas expressões de fé é muito próxima. Também no Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia<sup>64</sup> é possível encontrar diversas indicações sobre a harmonização na relação entre a liturgia e os exercícios de piedade, inclusive diversas formas de procissões e caminhadas devocionais.

O manual de Liturgia do CELAM atesta que os povos da América Latina têm especial apreço por práticas religiosas ao ar livre, e que tais práticas de fazer grandes caminhadas encontram referências bíblicas diversas.<sup>65</sup> Tais procissões, além de ser o lugar de expressar a fé, é o lugar onde as pessoas manifestam seu desejo por justiça, adesão a um ideal,

---

<sup>60</sup> Também chamada *Egéria*.

<sup>61</sup> ALDAZÁBAL, José. **Vocabulário Básico de Liturgia**. Trad. Paulinas Portugal. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 116-117.

<sup>62</sup> ALDAZÁBAL, 2013, p. 299.

<sup>63</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 267; SC 540.

<sup>64</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia**: princípios e orientações. Disponível em: < [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_doc\\_20020513\\_vers-direttorio\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_sp.html)>.

Acesso em: 27 de mar 2019.

<sup>65</sup> O tema das referências bíblicas para as procissões será abordado no próximo capítulo.

pedem a misericórdia ou cumprem suas penitencias, ou até mesmo pedem a Deus bom tempo para a colheita ou libertação de algum mal.<sup>66</sup> Também são imagem da Igreja em caminho, especialmente quando tem por destino algum lugar de culto ou Igreja, significando a Jerusalém celeste, onde se pretende chegar, escatologicamente.

---

<sup>66</sup> BECKHÄUSER, Alberto. Expressões Celebrativas da Piedade Popular. CELAM. **Manual de Liturgia IV**: a celebração do mistério pascal – outras expressões celebrativa do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja. Trad. Herman H. Watzlawich. São Paulo: Paulus, 2007. p. 235.



## 2 A HISTÓRIA DAS PROCISSÕES

Tendo feito uma abordagem geral sobre a confluência entre o símbolo e a liturgia, será exposta uma abordagem de cunho histórico e bíblico sobre as procissões.

### 2.1 O FENÔMENO DAS PROCISSÕES PRESENTE NA ANTIGUIDADE

Antes de iniciar a exposição propriamente dita, faz-se mister esclarecer uma questão terminológica:

Peregrinação e Procissão aparecem como similares, pois detêm o mesmo significado simbólico que é o de caminhar, no entanto o primeiro denota uma caminhada mais distante, ida a um lugar sagrado, muitas vezes revestido de dor, penitência, o segundo já se apresenta como um sentido de cortejo, geralmente possui um santo patrono e se configura com um caminhar mais curto em relação à distância, se dá geralmente em torno/para um templo, ou pela cidade, porém ambos representam uma ida, uma caminhada que busca, seja pela devoção seja pela penitência, o diálogo com o transcendente ou como diz Sanchis “procura caminhante ao Sagrado” (Sanchis, 2006, p.91).<sup>67</sup>

É importante notar os elementos comuns entre procissão e peregrinação, tendo em vista que neste capítulo, algumas vezes os dois termos serão utilizados de modo similar: o caminhar e a busca pelo diálogo com a transcendência (entendida como o sagrado, não estritamente um deus), não obstante as suas diversas finalidades.

Sua motivação pode ser variada, motivada por ocasiões festivas ou fúnebres, ou mesmo penitencial. E seu objetivo igualmente variado, como demonstração de poder político ou militar, manifestando glória, ou

---

<sup>67</sup> OLIVEIRA, Elza. Procissões - De estratégia de territorialidade à expressão de religiosidade popular. *Sacrilegens*: Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF, Juiz de Fora, v. 9, n.2, p. 15-32, jul-dez/2012. p. 17. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2013/03/9-2-3.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

mesmo reivindicando direitos, fazendo crítica, ou até mesmo com finalidade rogativa, mormente nas de cunho religioso.<sup>68</sup>

Fazer procissão é antes de tudo um ato humano e expressão de sua corporeidade. O ser humano é o único que o faz ereto e com a cabeça erguida. As pessoas não andam somente para chegar ao mesmo destino juntas, mas para virem este mesmo caminho, agregando a ele sentimentos de penitência ou de ação de graças e louvor, e em comunhão. Lembra aos homens sua transitoriedade neste mundo, como diz a Carta aos Hebreus 13, 14: “Porque não temos aqui cidade permanente, mas estamos à procura da cidade que está por vir”.<sup>69</sup>

As procissões e as peregrinações estão presentes na história da humanidade desde os primórdios em ambiente civil e religioso. Do Egito Antigo, que fora fonte de cultura para o mundo helênico, têm-se a notícias de que se realizavam procissões para o culto e honra aos deuses:

O centro do culto egípcio é ocupado pelas figuras divinas de Ísis e Osíris, que também são conhecidos pelo culto oficial do Egito. A deusa Ísis era anualmente venerada em uma procissão solene, na qual chamava a atenção o estranho desfile de sacerdotes carecas vestidos de branco, músicos de banda, e de outros participantes.<sup>70</sup>

Segundo relata a Dra. Elisa, também na Antiga Grécia, mais precisamente em Éfeso, se realizavam procissões a Ártemis, deusa da caça, símbolo da natureza e liberdade feminina, com o fim de manter a coesão social e de a comunidade estar mais preparada para lidar com os possíveis desencadeamentos de suas emoções:

Os objetos levados na procissão reforçam ritualmente a harmonia da ocasião: moças e efebos são separados, a procissão é organizada em filas; e

---

<sup>68</sup> SOUZA, Luiz R. de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IRFN, 2013. p. 44.

<sup>69</sup> SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 947.

<sup>70</sup> “El centro del culto egipcio lo ocupan las figuras divinas de Isis y Osiris, que son también conocida por el culto oficial de Egipto. La diosa Isis era anualmente venerada en una solemne procesión, en que llamada la atención el extraño desfile de sacerdotes rapados vestidos de blanco, de músicos banderos y de otros participantes.” (JEDIN, Hubert. **Manual de História de la Iglesia**. v. 1. 2. ed. Barcelona: Herder, 1980. p. 155, tradução nossa).

o casamento é o resultado que se espera, uma vez que era costume naquele festival, que os noivos fossem escolhidos. Com a reunião de mulheres e homens nessa procissão, o festival propiciava o lugar de encontro - de noivos para as moças, e de noivos para os efebos.<sup>71</sup>

Tem-se aqui relatado um episódio de procissão *organizada* e que culmina com um festival onde se consolidava a harmonia social pela mutua complementariedade de moças e efebos com a união matrimonial no templo, atingindo aí o seu *ápice* e a sua *finalidade*.

De grande notoriedade na história da antiguidade clássica e tardia, foi o *Triunfo Romano*,

Os triunfos eram as entradas solenes e apoteóticas de um general vitorioso, a quem a pátria romana queria recompensar seus esforços, e reconhecer e premiar suas táticas e seus êxitos militares (GUILLEN, 1994, p. 529). Esse sentimento de sublimar a vitória, de exaltar a conquista, é tão nato ao ser humano que seria impossível e despropositado aos nossos objetivos resgatar suas origens históricas. Em Roma, embora tivessem caráter de celebrações religiosas, foram utilizadas por generais e imperadores para monumentalizar suas vitórias e elaborar, em torno de si, uma memória de glória e honor que deveria permanecer para a posteridade.<sup>72</sup>

Tais procissões triunfais tinham a função civil de transmitir aos cidadãos a glória dos grandes feitos dos generais e imperadores ao povo. Mas também eram “um ato explícito de devoção a Júpiter pelos bons auspícios que lhe permitiram conquistar uma grande vitória”.<sup>73</sup> O que

---

<sup>71</sup> CARVALHO, E. C B. de. Ártemis e Ísis: duas faces de uma mesma divindade. *Principia XXXII*: Revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 19, n. 32, p. 89-96, 2016. p. 90.

<sup>72</sup> ZÉTOLA, Bruno M. Triunfos militares e a legitimação do poder na Antiguidade romana. *Métis: história & cultura: revista de história da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul*, v. 5, n. 10, p. 35-59, jul./dez. 2006. p. 36.

<sup>73</sup> ZÉTOLA, 2006, p. 36.

fazia a com que a população percebesse o vencedor como um indivíduo extraordinário e agraciado.

Assim eram organizados tais desfiles processionais:

Entendido como um discurso diluído na cerimônia, o desfile triunfal romano deveria seguir uma ordem mais ou menos constante, e trazer sempre alguns elementos que lhe conferiam a forma de uma narrativa cívico-ostentatória que caracterizava o triunfo e lhe permitia ser entendido como tal. Era aberto pelos senadores e magistrados, que, na época imperial, passaram a desfilar depois do Imperador, como reflexo do declínio de seu poder. [...] Fechavam o desfile os soldados da infantaria, entoando hinos aos deuses ou frases deselegantes aos vencidos.<sup>74</sup>

Estes pomposos cortejos, com a oficialização da religião cristã na época de Constantino, sofreram transformações pela adoção de costumes cristãos, passando a não mais venerar Júpiter, mas Cristo. Os sacerdotes cristãos tomam o lugar dos sacerdotes pagãos, e a Igreja assume um papel crucial de sacralização do Estado.<sup>75</sup>

Na antiga Roma também haviam procissões fúnebres nas quais as famílias manifestavam sua glória e riqueza, e mesmo sua inquietação e fragilidades.<sup>76</sup>

Após a realização de pequenos ritos como fechar os olhos e dar o último beijo, o morto era exposto e depois levado processionalmente para deposição na pira funerária:

Não se trata de uma procissão organizada à revelia: uma lógica hierárquica dispunha os espaços, segundo a ordem da dignidade e dos ofícios exercidos por cada um em vida. Os que foram senadores vestiam a toga com a faixa púrpura na borda, todos transportados em carros precedidos por *fasces*, machados e outras insígnias de

---

<sup>74</sup> ZÉTOLA, 2006, p. 39.

<sup>75</sup> ZÉTOLA, 2006, p. 42.

<sup>76</sup> ZÉTOLA, 2006, p. 41.

identificação. Quando chegam aos *rostra* todos sentam em fila, perto do morto.<sup>77</sup>

Se tratando de um dignitário elevado, seguiam o cortejo oficiais, imagens de ancestrais, espólios de guerra representando triunfos conquistados, passando pelos *rostra*<sup>78</sup> e pelo *fórum*, entre outros lugares públicos.

Entre tais procissões de religiões pré-cristãs e o cristianismo, há linhas de continuidade observáveis. Em procissões homenageando a deusa Ísis, utilizavam-se luminárias, tochas, círios, instrumentos musicais, eram executados cantos, com o fim de atrair bênçãos, tal como temos presente em nossas procissões.<sup>79</sup>

Toda festa religiosa começava com uma procissão. Assim, “as procissões na Antiguidade, possuem um sentido festivo que seria igualmente incorporado pelo cristianismo.”<sup>80</sup> Contudo, tanto naquele ambiente quanto no atual, as procissões eram plurais: “diferentes deuses eram homenageados por diferentes procissões, assim como, no catolicismo, diferentes santos são homenageados por procissões diversas”.<sup>81</sup>

Evidentemente que para os cristãos,

A base antropológica da liturgia reside definitivamente no corpo de Cristo o verdadeiro templo onde se celebra o autêntico culto em espírito e em verdade (cf. Jo 2, 21; 4, 24) e no corpo do cristão (*soma* refere-se à totalidade da pessoa em sua existência concreta) transformando em templo do Espírito para a glória de Deus o corpo do cristão, batizado na morte na ressurreição de

---

<sup>77</sup> MOTA, Thiago E. A. Ritos de morte e celebração heroica na Roma de Virgílio: os funerais de Palante e a memória de Anquises. In: **XXVI Simpósio Nacional de História, Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. p. 11. Disponível em: < [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300548999\\_ARQUIVO\\_TextoAUHNACIONAL-ThiagoEustaquioAraujo.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300548999_ARQUIVO_TextoAUHNACIONAL-ThiagoEustaquioAraujo.pdf) >. Acesso em: 02 mai 2019.

<sup>78</sup> Plataformas de onde os oradores falavam.

<sup>79</sup> SOUZA, 2013, p. 45.

<sup>80</sup> SOUZA, 2013, p. 45.

<sup>81</sup> SOUZA, 2013, p. 45.

Jesus Cristo é uma realidade cultural que deve ser oferecida a Deus (cf. 1 Cor 6, 19-20).<sup>82</sup>

Torna-se possível compreender a procissão no ambiente cristão como uma manifestação cültica, tendo em vista ser o próprio corpo humano (entendido como totalidade do ser, evitando certa concepção dualista) daquele que age não mero instrumento, mas a manifestação do Espírito, tornando-se lugar onde se refletem as ações pneumatológicas.

Assim, um gesto tão natural e presente na história da humanidade é assumido na liturgia da Igreja como *sacramentum*, ou seja, um *ato* que indica e manifesta o mistério de Deus e da Igreja.

## 2.2 A PROCISSÃO NO ANTIGO E NO NOVO TESTAMENTOS

As manifestações processionais que os antigos faziam a seu modo, os modernos não aboliram, mas as aperfeiçoaram, também a seu modo, preservando muitos de seus elementos.

As procissões relatadas na Sagrada Escritura indicam que elas são celebrações que se inserem na história da salvação e são imagem da Igreja peregrina.<sup>83</sup>

Na tomada de Jericó, relatada pelo livro de Josué, dá-se uma procissão que dura sete dias iniciada com o caráter de súplica e concluída com a vitória do Senhor. Foi organizada por mandato de Deus, tendo sido a arca levada pelos sacerdotes que precederam o povo e os guerreiros à frente acompanhados pelo som de trombetas. Por seis dias, deram uma volta ao redor da cidade, e “no sétimo dia, levantaram-se ao romper da aurora e, igualmente rodearam a cidade sete vezes (somente naquele dia rodearam sete vezes)”.<sup>84</sup>

Apesar de terem havido procissões rituais no templo de Jerusalém, apenas nos salmos é que se encontram referências diretas a elas, como se vê no salmo 67:

“Viram as tuas procissões, ó Deus, as procissões do meu Deus, do meu rei, no santuário: os cantores

---

<sup>82</sup> FERNANDEZ, Pedro. A celebração litúrgica: fenomenologia e teologia da celebração. In: BOBOBIO, Dionísio. (Org.). **A Celebração na Igreja I: liturgia e sacramentologia fundamental**. v. 1. Trad. Adail U. Sobral. São Paulo: Loyola, 1993. p. 278.

<sup>83</sup> SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 947.

<sup>84</sup> Js 6, 15. SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 947.

vão à frente atrás, os músicos, no meio as jovens, soando tamborins. Em coro, eles bendizem a Deus: é Iahweh, desde a origem de Israel. Lá está Benjamin, o mais novo, conduzindo os príncipes de Judá, com as suas comitivas, os principais Zabulon, os principais de Neftali.”<sup>85</sup>

Tal procissão se concluirá com a homenagem do povo e a submissão de todos ao poder de Deus.

Apesar de ser entendida como uma peregrinação, a caminhada do êxodo<sup>86</sup> também é uma procissão. A nuvem que avança e para, indica etapas do caminhar daquele povo.<sup>87</sup> Foi o próprio Deus prescreveu e orientou como se daria, a ordem, os lugares e insígnias e até o percurso, como para um desfile.<sup>88</sup>

O traslado da arca da aliança para Jerusalém concluindo a caminhada do êxodo, adquire valor soteriológico, de modo que Deus entra como vencedor em sua cidade santa e estabelece morada. Davi que dança diante da arca ao som de trombetas expressa o valor festivo e popular da procissão. Nesta, há todos os elementos das procissões, inclusive os holocaustos, com a imolação de bois e bezerras<sup>89</sup> e a distribuição de dons, com Davi dando ao povo de Israel pão, carne e doce.<sup>90</sup> “Esta é a mais importante procissão do AT; vários salmos fazem referência a isso (23, 67, 131, etc.)”.<sup>91</sup>

Merece menção também a procissão de Judite,<sup>92</sup> descrita com elementos típicos da cultura helenista: ramallete, louros, coroas. É notável a intensão de situá-la fora do tempo e do espaço, dando a ela caráter escatológico. “Como outras procissões, tem como meta Jerusalém e termina com a oferta de dons e holocaustos”.<sup>93</sup>

No Novo Testamento o próprio Cristo a realizou e a provocou, quando antes de sua morte quis adentrar a cidade de Jerusalém montado num jumento, aclamado por uma multidão que o honrava:

---

<sup>85</sup> Sl 68, 25-28.

<sup>86</sup> Cf. Nm 9, 17s.

<sup>87</sup> Cf. Ex 40, 36-38.

<sup>88</sup> SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 948.

<sup>89</sup> 2 Sm 6, 13.

<sup>90</sup> 2 Sm 6, 19.

<sup>91</sup> SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 948.

<sup>92</sup> BECKHÄUSER, 2007, 235.

<sup>93</sup> SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 948.

A numerosa multidão estendeu suas vestes pelo caminho, enquanto outros cortavam ramos das árvores e os espalhavam pelo caminho. As multidões que o precediam e os que o seguiam gritavam: *Hosana ao filho de Davi! Bendito o que vem em nome do senhor Hosana no mais alto dos céus!* E, entrando em Jerusalém, a cidade inteira agitou-se e dizia: “Quem é este?”. A isso as multidões respondiam: “Este é o profeta Jesus de Nazaré na Galileia”.<sup>94</sup>

Segundo relata Lucas,<sup>95</sup> durante esta procissão, Jesus chora sobre Jerusalém, e dois dias após pronunciará seu discurso escatológico. No mundo helenista, uma parte do ritual da “parusia” era semelhante a esta procissão, a do *triunfo*, anteriormente descrito em ambiente romano. “A utilização de palmas tem significado de vitória”<sup>96</sup> e faz referência a festa dos tabernáculos<sup>97</sup> em que se devia tomar ramos de oliveiras e de árvores formosas para se regozijar na presença do Senhor. Esta é a última das procissões bíblicas. No contexto do Apocalipse, não há procissões, porque o templo está destruído e a assembleia é apresentada em torno do Cordeiro e do trono de Deus, porque o caminho já foi percorrido e a caminhada concluída.<sup>98</sup>

Há dois elementos comuns que se harmonizam nas procissões bíblicas: Deus caminha a frente do seu povo, que caminha entre orações, cantos e louvores; e a procissão é a ritualização do caminhar humano que tem como fim último o próprio Deus. Elas demonstram o sentido de esperança que orienta a humanidade. São organizadas por classes e terminam no templo, todos elementos que devemos encontrar igualmente na Igreja que conserva seu significado.<sup>99</sup>

### 2.3 PROCISSÕES NA LITURGIA DA EUCARISTIA NOS PRIMEIROS SÉCULOS

---

<sup>94</sup> Mt 21, 8-11.

<sup>95</sup> Lc 19, 41.

<sup>96</sup> SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 948.

<sup>97</sup> Lv 23, 40.

<sup>98</sup> SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 948.

<sup>99</sup> SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 949.

Observando a ordem histórica da liturgia é possível fazer dela certa exegese e compreender seu significado e importância. Por isso, serão expostos alguns elementos históricos relevantes acerca das procissões presentes na celebração da Sagrada Eucaristia. Serão abordadas as quatro procissões presentes na celebração da Eucaristia: entrada, procissão com o evangelário, apresentação das oferendas e comunhão.<sup>100</sup> Seguindo o exemplo do movimento litúrgico que precedeu a reforma do concílio Vaticano II, de volta as fontes, se procurará neste capítulo referências para as procissões nos primeiros séculos.

### 2.3.1 Procissão de entrada

Já na *Didaqué*,<sup>101</sup> se falava da Eucaristia como a reunião dos dispersos, e nela se encontram orações de bênçãos sobre o pão e o vinho que pedem que assim como o pão que outrora era grão de trigo disperso pelos montes se tornou um, assim a Igreja seja reunida no reino de Cristo.<sup>102</sup>

Na era apostólica, a Igreja começa a se reunir pelas casas em assembleias partindo o pão no primeiro dia da semana, para fazer memória da páscoa do Senhor. Não se dispunha de fórmulas preestabelecidas para estas celebrações, mas já haviam algumas fórmulas próprias em uso. Garantia-se o essencial da tradição recebida. A Igreja herdou do povo de Israel sua maneira de celebrar e fazer memória, pois Cristo com seus discípulos participavam do culto judaico. Com isso, houveram elementos de continuidade e ruptura entre o culto judaico e o cristão, até que com a destruição do templo isso se torna evidente, estabelecendo uma nova forma de culto.<sup>103</sup>

Justino e Hipólito não relatam a presença de procissões na celebração eucarística,<sup>104</sup> o que se compreende perfeitamente porque enquanto a Igreja não tinha liberdade não era possível realizar procissões,

---

<sup>100</sup> ALDAZÁBAL, 2005, p. 264.

<sup>101</sup> Também chamada de Doutrina dos Doze Apóstolos, é um documento do século I, na era pós-apostólica, que retrata a tradição das primeiras comunidades cristãs.

<sup>102</sup> ALDAZÁBAL, José. In: BOBOBIO, Dionísio. A Eucaristia. (Org.). **A Celebração na Igreja II: sacramentos**. v. 2. Trad. Luiz J. Gaio. São Paulo: Loyola, 1993. p. 207.

<sup>103</sup> BECKHÄUSER, Alberto. **Os fundamentos da Sagrada Liturgia**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 245.

<sup>104</sup> ALDAZÁBAL, 1993, p. 206.

dado o risco que a realização delas implicaria.<sup>105</sup> Aparecem inicialmente de forma simples, depois da paz constantiniana, até que assumiu caráter solene. Na era constantiniana, há o pleno desenvolvimento de expressões litúrgicas e sua profunda transformação, pela obtenção de liberdade de culto da Igreja.<sup>106</sup> Por isso, as procissões tornam-se possíveis de serem praticadas e também pela amplidão das basílicas são facilitadas.

Assim sendo, “o primeiro elemento que aparece, sem dúvida ao longo do século IV, é a entrada do celebrante na basílica, transformando-se bem cedo em cortejo solene”.<sup>107</sup> Desta também se originam a utilização de incenso e luminárias para cercar o altar.<sup>108</sup>

A liturgia nesta época era realizada nas basílicas, sala régia onde o povo se encontrava com o seu Senhor, o Cristo, e cercada de um ar severo, solene e *triumfal*, pleno de majestade celestial e não mais como o encontro fraterno de outrora. Reuniam-se aí para ouvir a Palavra, rezar e realizar a procissão até o altar para oferecer sua oblação.<sup>109</sup>

No século V, foi o momento de formação de novas famílias litúrgicas. No rito romano, no princípio da celebração eucarística, eram realizadas duas procissões.

Na procissão do evangelho, segundo Augusto Maria, o diácono tomava o Evangelário de um estojo onde ficava guardado na sacristia e o entregava ao acólito que o levava até o altar, percorrendo a nave, precedido por um subdiácono. Ao chegar, o subdiácono tomava o livro e o depositava sobre uma almofada sobre o altar.<sup>110</sup>

Ao terminar a procissão do evangelho, dava-se a dos ministros. “Abria o cortejo o turiferário, seguido por sete acólitos com círios acesos, sete subdiáconos, sete diáconos, alguns presbíteros e bispos das dioceses vizinhas. Enfim, o pontífice entre o arqui-diácono e um outro ministro.”<sup>111</sup>

Durante esta entrada, se cantavam por alguns minutos salmos, afim de manter o recolhimento do povo. Esta é a origem do introito.<sup>112</sup> Do século VI, têm-se notícia que,

<sup>105</sup> MARTIMORT, Aimé G. **A Igreja em oração**: introdução à liturgia – a Eucaristia. Trad. Almir R. Guimarães. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 61.

<sup>106</sup> SARTORE; TRIACCA, 1992, p. 949.

<sup>107</sup> MARTIMORT, 1989, p. 61.

<sup>108</sup> MARTIMORT, 1989, p. 62.

<sup>109</sup> BECKHÄUSER, 2004, p. 247.

<sup>110</sup> MARIA, Augusto. **Exposição histórico-litúrgica da santa missa**. São Paulo: Paulinas, 1962. p. 32.

<sup>111</sup> MARIA, 1962, p. 32.

<sup>112</sup> MARIA, 1962, p. 32.

A missa tem início com canto processional. O clero entra. O canto termina pelo “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo” [...] É de crer que o padre tem lido ou de qualquer maneira pronunciado uma monição de entrada, algumas frases de exortação, relacionadas à festa do dia. Depois, o diácono pede silêncio.<sup>113</sup>

Jungmann aponta que quando a procissão de entrada começava numa Igreja estacional, e se fazia a oração sobre o povo antes da procissão. Mas quando esse costume cessou, se cantava a ladainha que se prolongava com a aclamação do Kyrie e se concluía com a oração dentro da Igreja. Daí deriva o motivo pelo qual se concluem os ritos iniciais com a coleta, formando o ponto final da ladainha em questão.<sup>114</sup>

No século VII, tem-se a fixação dos componentes da celebração da Eucaristia por escrito. Na liturgia romana, o papa vai de sua sede patriarcal (Basílica do Latrão) a cavalo em um pomposo cortejo (do qual participava toda a corte papal) até a sacristia da Igreja estacional. À frente avançava um grupo de acólitos e defensores,<sup>115</sup> sete diáconos das sete regiões romanas, todos a cavalo, e também os grandes dignitários da corte. O papa é recepcionado pelo representante da Igreja estacional e o clero vai para seu lugar.<sup>116</sup> Também acorreram a ela sete procissões das regiões romanas encabeçadas por uma cruz de prata, e que já encheram a Igreja. E então o papa se paramenta. Enquanto isso se dá a procissão do evangelho também acontece. O papa entra em seguida à leitura da epístola e os responsórios. Executa-se o canto do introito e o papa entra precedido por incenso e círios.<sup>117</sup>

São notáveis as manifestações de homenagem que especialmente aqui são dedicadas ao papa, que vem para a celebração. Torna-se claro que tanto o *thymiamaterium*,<sup>118</sup> quanto os sete candelabros dos

---

<sup>113</sup> ROUET, Albert. **A missa na história**. Tradução Maria C. de M. Duprat. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 83.

<sup>114</sup> JUNGSMANN, Josef A. *Missarum Sollemnia*: origens, liturgia, história e teologia da missa romana. Trad. Monika Ottermann. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 272.

<sup>115</sup> Administradores versados em direito que cuidavam dos bens da Igreja.

<sup>116</sup> Assentos dispostos em semicírculo que posteriormente tornaram-se o coro.

<sup>117</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 83-85.

<sup>118</sup> Turíbulo.

acólitos valem para ele; trata-se de uma homenagem que antigamente era dedicada aos imperadores romanos e aos oficiais mais altos do estado. O papa estende as mãos aos diáconos que as beijam e o apoiam ao andar. Este é outro costume que deve provir de um antigo cerimonial da corte, antigamente oriental.<sup>119</sup>

Esta solene procissão faz lembrar o antigo triunfo romano e a ele faz referência, querendo ser também demonstração de vitória e poder, não civil ou temporal, mas divino (o que não exclui deduzir por meio dela a supremacia da Igreja na época constantiniana).

### 2.3.2 Procissão para a proclamação do Evangelho

Desde cedo o Evangelho foi destacado com valor especial. Não era o leitor quem o lia, mas o diácono ou o sacerdote, e em dias festivos, o próprio bispo. O caminho que o diácono percorria até o lugar onde seria proclamado o Evangelho foi sendo elaborado até que se formou uma verdadeira procissão.<sup>120</sup>

No *Ordus Romanus I*,<sup>121</sup> com a descrição da missa papal do tempo de São Gregório, século VII, quando o evangeliário era levado antes da procissão de entrada e deposto sobre altar, tinha-se simbolizada a união entre o Verbo encarnado, simbolizado pelo altar e o Verbo escrito no evangelho.<sup>122</sup>

---

<sup>119</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 85.

<sup>120</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 432-434.

<sup>121</sup> Os *Ordines* davam o ordenamento normativo-ritual das celebrações. Foram de grande importância para o conhecimento da formação, evolução e adaptação da liturgia ao longo dos séculos. Utilizava-se também do *sacramentário* (que continha as fórmulas das orações para o presidente da celebração), o *leccionário* (com o texto das leituras), e o *antifonário* (contendo a parte musical para os cantores). (NOCENT A. Storia dei libri liturgici romani. **Anàmnesis II**: La Liturgia. Panorama storico generale. Genova: Marietti, 1983. p. 163.)

<sup>122</sup> AMIOT, François. **A Missa e sua História**. Trad. Religiosas da Companhia da Virgem. São Paulo: Flamboyant, 1958. p. 52.

Antes de proclamar o evangelho, o diácono se ajoelhava e recitava o *Munda cor*,<sup>123</sup> atualmente reservado aos sacerdotes, fazendo referência a Isaías 6, 6-7.<sup>124</sup>

Após pedir e receber a benção do sacerdote se organiza uma procissão com destino ao lugar em que o Evangelho será catado: o incenso a frente, círios levados por acólitos, o subdiácono e depois o diácono que leva o livro dos Evangelhos que é ricamente adornado e ilustrado. Tal ato é acompanhado por todos de pé. Após a proclamação, o sacerdote era incensado, e o Evangelho era dado a beijar para o clero e por vezes até ao povo.<sup>125</sup> Esta procissão subsiste até aos dias atuais com poucas variações.

Tal rito era acompanhado pelo canto do *Trishagion*, representando a entrada triunfal de Cristo.<sup>126</sup>

Levar luzes diante do Evangelho é um costume cristão muito antigo, que serve da mesma forma que o incenso para manifestar honra ao próprio Cristo através do evangeliário. A partir do Século VII surgem as aclamações antes e depois da leitura. E ao ouvirem a saudação as pessoas deixavam seus bastões de apoio de lado e ficavam de pé qual “servo diante de seu amo, ou também ficavam inclinadas”.<sup>127</sup>

### 2.3.3 Procissão das oferendas

Enquanto a Eucaristia era celebrada juntamente com a refeição fraterna, os dons já estavam dispostos na mesa desde o princípio da celebração. Justino relata que posteriormente eram trazidos sem nenhuma

---

<sup>123</sup> “*Munda cor*” é a oração pronunciada antes da proclamação do Evangelho, que na tradução do missal de Pio X, se diz: “Ó Deus onipotente, assim como purificastes com uma brasa os lábios do profeta Isaías, dignai-Vos igualmente, por vossa benigna misericórdia, purificar o meu coração e os meus lábios, para que eu possa dignamente pronunciar o vosso santo Evangelho. Pelo Cristo, Senhor Nosso. Amém.” (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal cotidiano**: completo, em latim e português, com o próprio do Brasil. Trad. Beda Keckeisen. 21. ed. Bahia: Benedictina, 1960. p. 626.).

<sup>124</sup> AMIOT, 1958. p. 52.

<sup>125</sup> AMIOT, 1958, p. 52.

<sup>126</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 434.

<sup>127</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 437.

formalidade e pretensão de simbolismo. Buscava-se aí certo distanciamento das práticas pagãs e judaicas.<sup>128</sup>

Quanto a procissão dos ofertantes, no princípio tratava-se do simples gesto de que alguém (os diáconos, segundo Hipólito), trazia os pães, o vinho e a água para o altar. A simplicidade inicial de se apresentar as ofertas sem solenidade “tem a ver com o severo distanciamento das práticas pagãs e judaicas de sacrifício pelo qual a jovem Igreja ressaltou nos primeiros séculos o caráter espiritual do culto cristão”.<sup>129</sup> Tal gesto simbolizava tanto a preparação da paixão de Cristo, como os dons dos fiéis associados a paixão do Senhor. A partir do século VIII foi acrescentada uma oração ao final desta procissão chamada “sobre as oferendas”.<sup>130</sup>

A *oratio super oblata*<sup>131</sup> que conclui atualmente o ofertório como a *coleta* conclui os ritos iniciais, tem o fim de apresentar a Deus os dons depositos sobre o altar. Infelizmente, com o passar dos séculos tornou-se secreta, mas sua recitação audível foi recuperada.<sup>132</sup>

Já existia em Roma e na África, paralela à da comunhão, na época de Santo Agostinho. Ele relata que sua mãe não deixava de participar de tal procissão. A compreendia como expressão do “admirável comércio” da Encarnação de Cristo, pelo qual os céus e a terra trocam os seus dons: de nós Deus recebe a humanidade e nos dá sua divindade.<sup>133</sup><sup>134</sup> Enquanto todos se aproximavam do bispo para lhe entregar suas ofertas, catava-se um salmo. Até mesmo os cantores dela participavam entregando ao subdiácono a água para o cálice.<sup>135</sup>

Na Gália, os fiéis depositavam suas ofertas<sup>136</sup> antes da celebração na sacristia e no começo da liturgia eucarística eram levados

<sup>128</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 485.

<sup>129</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 485.

<sup>130</sup> ALDAZÁBAL, 1993, p. 335.

<sup>131</sup> Oração sobre as oferendas.

<sup>132</sup> AMIOT, 1958, p. 63.

<sup>133</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. Sermão ao povo. In: Santo Agostinho. **Comentário aos Salmos**. Coleção Patrística. v. 9/3. Trad. Mosteiro Maria do Cristo. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 715; Salmo 129, 7.

<sup>134</sup> O tema do admirável comércio está expresso também na oração sobre as oferendas da missa da vigília na noite do Natal do Senhor.

<sup>135</sup> MARTIMORT, 1989, p. 85.

<sup>136</sup> Pão e vinho.

processionalmente pelos diáconos e outros ministros. As catequeses de São João Crisóstomo indicam que esta era também a prática do Oriente.<sup>137</sup>

Em Antioquia, enquanto se cantava o majestoso hino dos querubins, o sacerdote e o diácono levavam ao altar o pão e o cálice, passando por meio dos fiéis e da fumaça do incenso.<sup>138</sup>

Na África do Norte como também em Roma, as oferendas eram levadas pelo povo até a beirada do altar, onde eram recebidas pelos sacerdotes e diáconos, que deitavam o vinho no cálice comum e recolhiam os pães. O que não se utilizava diretamente na celebração era destinado a caridade. Tal procissão foi conservada até mesmo ao se iniciar o uso exclusivo do pão sem fermento e mesmo quando cessou a economia majoritariamente agrária e se passou a ofertar dinheiro.<sup>139</sup>

Tertuliano já compreendia o ato do povo de apresentar as oferendas diante do altar como uma *oferta dirigida a Deus*. Hipólito chama os dons apresentados de *oblação* e depois de apresentados de *oblação da Santa Igreja*. E para Cipriano já é regra geral que os fiéis devem trazer oferendas.<sup>140</sup>

Do século VI, da Gália, têm-se a seguinte descrição da procissão das oferendas. Os dons ficam preparados num lugar a parte. O diácono exige silêncio e então a procissão avança com os fiéis levando estes dons e inicia-se um canto de aleluia que pretendia lembrar das trombetas dos sacrifícios da liturgia de Moisés.<sup>141</sup>

No século VII, em Roma, o papa recebia a oferta do pão da nobreza indo até ela e o arqui-diácono o vinho. No reino franco, no século IX, formava-se uma procissão após o credo em que iam na frente os homens, em seguida as mulheres, os sacerdotes, diáconos e por fim o arqui-diácono. São o pão e o vinho que constituem a oferta dos fiéis.<sup>142</sup>

Com o passar dos séculos, até mesmo preciosos utensílios para a Igreja são apresentados neste momento da celebração, e mesmo a doação de imóveis por meio de documentos. E a partir do século XI o dinheiro passa a ser a oferta principal. Pão e vinho passam a ser oferecidos somente

<sup>137</sup> MARTIMORT, 1989, p. 86.

<sup>138</sup> MARTIMORT, 1989, p. 86.

<sup>139</sup> JILEK, A. Procissão das oferendas. In: BERGER, Rupert (Dir.). **Dicionário de Liturgia Pastoral**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Loyola, 2010. p. 329-330. p. cit. 329.

<sup>140</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 486.

<sup>141</sup> ROUET, 1981, p. 81.

<sup>142</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 491.

pelos clérigos e pelos monges nos mosteiros. Desde o século III o ato de levar suas oferendas para a celebração era um privilégio somente dos membros plenos da Igreja, o que era perdido pelos penitentes e afastados.<sup>143</sup>

### 2.3.4 Procissão da comunhão

Por volta do ano 400, São Cirilo de Jerusalém convidava os fiéis a caminharem em direção a comunhão a formar com as mãos um trono para receber o Rei, Jesus Cristo.<sup>144</sup> Portanto, se ia caminhando para por fim receber a comunhão de pé e sobre as mãos. Para receber, avançam até o santuário, ou até ao altar. Tais gestos são encontrados em todo o mundo cristão.<sup>145</sup>

Segundo os *ordines* romanos o clero levava o sacramento até os fiéis. E em outros lugares os próprios fiéis, já no século IV se aproximavam do altar. O concílio de Tours (567) garante o direito explicitamente aos fiéis de passarem pelas cancelas para receberem a comunhão junto ao altar. Por vezes acontecia de a comunhão ser ministrada em outro altar lateral, após a época carolíngia.<sup>146</sup>

Tal procissão era acompanhada por um canto, assim como a procissão das oferendas, como assinala Santo Agostinho. Atestam as catequeses de São Cirilo que se cantava o salmo 33: “Provai e vede como o Senhor é bom”. O que é atestado também no antifonário de Léon, que acontecia na Espanha. Em Roma, se admitiam outros salmos. E o Oriente chegou a usar outros textos poéticos.<sup>147</sup>

Desde o século XIII era costume, em alguns lugares, estender um pano segurado por dois acólitos diante das pessoas que se aproximavam e recebiam a comunhão ajoelhadas.<sup>148</sup>

Convém destacar o gesto de se aproximar da *mesa do Senhor*, de onde o sacramento foi realizado e da qual deve ser distribuído, porque ela é também *mesa de comunhão*.

A Igreja aproxima-se desde a procissão inicial do altar do Senhor. Volta a aproximar-se no momento de proclamar o Evangelho, trazendo

<sup>143</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 493-494, 501.

<sup>144</sup> AMIOT, 1958, p. 110.

<sup>145</sup> MARTIMORT, 1989, p. 117.

<sup>146</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 814-815.

<sup>147</sup> MARTIMORT, 1989, p. 117.

<sup>148</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 815.

suas oferendas e agora, para receber do próprio Senhor, seu corpo e sangue. Vê-se em linguagem simbólica realizar aí o mistério da união da Igreja Esposa com Cristo Esposo. Como a esposa do Cântico dos Cânticos ela ouve sua voz: “Levanta-te minha amada, formosa minha, vem a mim”<sup>149</sup> e dele se aproxima. Se aproxima de seu Esposo que a nutre com a própria vida, e torna-se com ele uma só coisa.<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> Ct 2, 10.

<sup>150</sup> CERVERA, Jesus C. A Igreja, Esposa de Cristo: nos padres da Igreja e na liturgia. In: **A Igreja no seu mistério**. Trad. Olivo Cesca. Cidade Nova: São Paulo, 1984. p. 150-158. p. cit. 155-157.



### 3 AS PROCISSÕES NA CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA

Compreender melhor como se desenrola a celebração da Eucaristia sob o ponto de vista ritual é de grande importância. Mais ainda compreender que preparação ela pede e qual objetivo se deve atingir, seu significado e motivações, fará com que a participação nela seja mais ativa, consciente e frutuosa.

Das quatro procissões na celebração da Eucaristia, neste capítulo, serão abordados alguns elementos: o modo de executá-las, conforme o que propõem os livros litúrgicos, os sinais presentes, os gestos, sua significação e motivação espiritual e teológica, e o canto que as acompanha.

O caminhar, elemento essencial e comum entre as procissões, é expressão de toda a vida humana que não pode ficar parada, mas requer dinamicidade. “A vida do homem é um caminho aberto a ser corrido” aponta Urbano Zilles.<sup>151</sup> O próprio Senhor é que ordena: “*Vinde todos a mim*”<sup>152</sup> e “*Ide a todo o mundo*”.<sup>153</sup> “Por isso, a liturgia está ligada ao ir e ao vir.”<sup>154</sup> Assim, caminha-se para receber, caminha-se para dar, e também para testemunhar, inclusive na liturgia.

Já os primeiros cristãos identificaram a fé como o caminho.<sup>155</sup> Por isso, o caminhar na liturgia quer simbolizar a compreensão da fé como um caminho. Toda a Igreja é peregrina e caminha para Deus. E na liturgia têm-se expressa esta caminhada comum de todo o povo de Deus: buscam todos a mesma meta.<sup>156</sup>

A liturgia é ação. Portanto, requer uma linguagem mais totalizante na qual se conjuguem de modo harmonioso a palavra, o canto, o gesto, bem como o movimento rítmico, que precisam ser vividos com autenticidade e nobreza. O missal deixa isso claro ao determinar que,

Entre os gestos incluem-se também os movimentos do sacerdote que se aproxima do altar, da apresentação das oferendas, e da aproximação dos fiéis para receberem a comunhão. Convém que tais

---

<sup>151</sup> ZILLES, Urbano. **Significação dos símbolos cristãos**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 127.

<sup>152</sup> Mt 11, 28.

<sup>153</sup> Mc 16, 15.

<sup>154</sup> ZILLES, 2001, p. 126.

<sup>155</sup> At 9, 20.

<sup>156</sup> ZILLES, 2001, p. 127-128.

ações sejam realizadas com dignidade enquanto se executam cantos apropriados segundo as normas estabelecidas para cada uma.<sup>157</sup>

É também de grande importância observar o canto que acompanha as procissões. Desde o princípio houve uma fraternidade entre liturgia e música. Isto porque as palavras que se dirigem a Deus, ultrapassam os limites humanos, não sendo suficiente simples recitação. Então, a palavra foi auxiliada pelo canto e pelo som dos instrumentos, “fazendo coro com aquilo de que todas as coisas falam”.<sup>158</sup> Esta musicalidade está sempre a serviço da Palavra e da adoração em espírito e verdade. Por isso, não pode ser meramente “nem êxtase rítmico, nem sentimentalismo subjetivo, nem entretenimento superficial, mas está em função de uma mensagem, de uma afirmação espiritual complexa (...)”<sup>159</sup>

Segundo um pensamento de Gandhi, é próprio dos animais que vivem nas profundezas do mar calar, dos animais da terra gritar e dos animais do céu cantar. O homem participa dessas três propriedades: calar, cantar e gritar. Hoje, ao homem privado de transcendência, tem restado somente o gritar (porque fixado na perspectiva terrena). Mas a liturgia correta que proporciona a comunhão dos santos, restitui-lhes sua integridade: ensina-lhe o calar e o cantar fazendo seu coração elevar-se, devolvendo-lhe a profundidade e a altura.<sup>160</sup>

A liturgia antecipa aquilo que se dará no céu, como se vê no Apocalipse: o Senhor ressuscitado está cercado de uma multidão de anjos que cantam. São Bento, em sua regra, ao falar da maneira de salmodiar dos monges, tem em mente que aqueles que cantam (salmodiam) na liturgia, o fazem na presença dos anjos, como aponta o salmo 138,1: “junto aos anjos, Senhor, eu vos louvarei”. Assim, exorta a que seja a presença atenta ao ato de salmodiar, “que nossa mente concorde com nossa voz”.<sup>161</sup> Isto foi retomado pela *Sacrosanctum Concilium* ao afirmar que “nossa mente deve concordar com nossa voz, a fim de não receber em vão a graça de Deus”.<sup>162</sup>

---

<sup>157</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 37.

<sup>158</sup> RATZINGER, Ioseph. **Teologia da Liturgia**: o fundamento sacramental da existência cristã. Trad. Fabio M. de C. Araújo. Brasília: CNBB, 2019. p. 491.

<sup>159</sup> RATZINGER, 2019, p. 501.

<sup>160</sup> RATZINGER, 2019, p. 508.

<sup>161</sup> BENTO DE NÚRCIA. **A Regra de São Bento**. Trad. João E. Eunout. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2008. p. 67; RB 19, 6.

<sup>162</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 266. SC 11.

### 3.1 A PROCISSÃO DE ENTRADA

#### 3.1.1 Desenvolvimento do rito e sentido litúrgico

O povo se encontra reunido. Enquanto o sacerdote caminha para o altar com os ministros, executa-se o canto de entrada. Assim determina o missal.

O Cerimonial dos Bispos, também descreve como se inicia tal procissão:

Estando todos preparados, aproxima-se o acólito turiferário, o Bispo impõe o incenso no turíbulo e benze-o fazendo sobre ele o sinal da cruz, tendo-lhe um dos diáconos apresentado a naveta. (...) Um dos diáconos toma o livro dos Evangelhos, e leva-o com reverência, fechado, na procissão de entrada.<sup>163</sup>

Destacam-se dois elementos: o incenso, que avança à frente na procissão, que era usado em ambiente civil para horar o imperador e que foi assumido pela Igreja, e o livro dos evangelhos, levado com solenidade pelo diácono, como acontecia nos primeiros séculos.

O Cerimonial dos Bispos, também descreve com detalhes como se organiza tal procissão:

Enquanto se executa o canto de entrada, faz-se a procissão da sacristia ou do vestiário para o presbitério, assim organizada:

- turiferário com o turíbulo aceso;
- outro acólito com a cruz, no meio de sete ou pelo menos dois acólitos, com castiçais de velas acesas;
- clérigos, dois a dois;
- o diácono com o livro dos Evangelhos;
- outros diáconos, se houver, dois a dois;
- presbíteros concelebrantes, dois a dois;
- o Bispo, que avança sozinho, de mitra, levando o báculo pastoral na mão esquerda e abençoando com a mão direita;

---

<sup>163</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Cerimonial dos Bispos**: cerimonial da Igreja. São Paulo: Salesiana de Dom Bosco; Paulinas, 1988. p. 49.

- um pouco atrás do Bispo, os dois diáconos assistentes;
  - por fim, os ministros do livro, da mitra e do báculo.
- Se a procissão passar diante do Santíssimo Sacramento, não se pára (sic) nem se faz genuflexão.<sup>164</sup>

Esta mesma descrição se encontra no missal.

Convém lembrar que o uso do incenso remonta ao século IV, como apontado no capítulo anterior. É símbolo da oração como indica o salmo: “Suba minha prece como incenso em tua presença, e minhas mãos erguidas como oferta vespertina”.<sup>165</sup> E também no Apocalipse:

Outro anjo veio postar-se junto ao altar com um turbulo de ouro. Deram-lhe grande quantidade de incenso para que oferecesse com as orações de todos os santos, sobre o altar de ouro que está diante do trono.<sup>166</sup>

Ele expressa a dimensão do sacrifício, por se consumir, e das boas obras, pelo agradável odor que se espalha. Assim, todos são chamados a ser o bom odor de Cristo pelo testemunho das boas obras.<sup>167</sup> Remonta à tradição judaica, apontada no livro do Êxodo: “Farás também um altar para queimares nele incenso, de madeira de acácia o farás”.<sup>168</sup> Deste modo, tem-se a participação inclusive do olfato, pelo qual nós o experimentamos, denotando maior abrangência de nossa corporeidade.<sup>169</sup>

Desde os tempos antigos o incenso foi usado como sinal de honra aos defuntos, como “respeito às autoridades e sacrifício aos deuses e sinal de alegria e atmosfera sagrada”.<sup>170</sup> Em ambiente cristão o uso do incenso “teve origem no *Ordo Romanus* que na realidade era uma imitação do uso civil. Isto porque as autoridades do império eram precedidas por

---

<sup>164</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1988, p. 49.

<sup>165</sup> Sl 141, 2.

<sup>166</sup> Ap 8, 3.

<sup>167</sup> 2 Cor 2, 14-15.

<sup>168</sup> Ex 30, 1.

<sup>169</sup> BUCCIOL, Armando. **Sinais e símbolos, gestos e palavras na liturgia**: para compreender e viver a liturgia. Brasília: CNBB, 2019. p. 122-123.

<sup>170</sup> ALDAZÁBAL, 2005, p. 78.

portadores de incenso e círios.”<sup>171</sup> Do mesmo modo, atualmente ele é levado na procissão de entrada diante da cruz, como sinal de honra à presença de Cristo ressuscitado presente na comunidade reunida. O objetivo do uso do incenso na liturgia é triplo: cria uma atmosfera agradável e festiva, enquanto produz um ar misterioso por sua sutil impalpabilidade; expressa respeito e reverência pela presença do Senhor; e é símbolo da oração e atitude de oferenda diante de Deus.

Logo após o incenso, deve estar a cruz ladeada por velas. A cruz preside toda a celebração da Eucaristia e apresenta Deus que é transcendente e ao mesmo tempo próximo, e que em sua páscoa (morte e ressurreição) reconciliou o mundo consigo estabelecendo nova aliança com a humanidade.<sup>172</sup> Essa mesma cruz ilumina toda a vida humana dando esperança e iluminando seus caminhos.

Da mesma forma que o povo de Israel foi precedido no deserto por uma coluna de nuvem durante o dia e por uma coluna de fogo durante a noite,<sup>173</sup> a cruz na procissão de entrada guia o povo de Deus como sinal eloquente aquecendo os corações e dando alívio nas provações. São João entende a cruz como sinal levantado para a salvação de todos: “como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o filho do homem seja levantado, afim de que todo aquele que nele crer, tenha a vida eterna”.<sup>174</sup> Assim como todos aqueles que olhavam para a serpente no deserto ficavam curados, também agora a cruz é sinal não apenas de morte, mas de redenção, uma vez que resinificada com a vitória do Senhor sobre ela.<sup>175</sup> É, portanto, sinal de vitória pelo qual o senhor atrai todas as coisas a ele.<sup>176</sup>

As velas utilizadas na celebração da Eucaristia, tem seu significado expresso na introdução do missal: “manifestam reverencia e o caráter festivo da celebração”.<sup>177</sup> De fato, desde a antiguidade querem manifestar honra. Mas também o caráter de festa e alegria presente em toda a celebração, pela páscoa do Senhor que é atualizada e se faz presente hoje. Convém lembrar que a luz é sempre símbolo do próprio Cristo, luz do

---

<sup>171</sup> MARSILI, Salvatore. **A Eucaristia**: teologia e história da celebração. Trad. Benoni Lemos. São Paulo: Paulus, 1986. p. 215.

<sup>172</sup> ALDAZÁBAL, 2005, p. 148-149.

<sup>173</sup> Ex 13, 21-22.

<sup>174</sup> Jo 3, 14.

<sup>175</sup> ZILLES, 2001, p. 86-87.

<sup>176</sup> Jo 12, 32.

<sup>177</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 81.

mundo; aqueles que o seguem não andam nas trevas, mas tem a luz da vida.<sup>178</sup> Sinalizam a presença do Cristo ressuscitado que caminha com seu povo.

O evangeliário levado na procissão quer assinalar que é a Palavra de Deus que convoca seu povo. E o evangeliário deixado sobre o altar indica um binômio: livro e altar, encontro duplo com Cristo que é Palavra e alimento e pão que nutrem o cristão.<sup>179</sup>

Quanto ao sacerdote que preside a celebração, convém assinalar que ele avança sozinho na procissão, pela singularidade de sua função. Preside a assembleia em nome de Cristo, e não simplesmente como representante do povo (ainda que o faça *em nome da Igreja*). É sinal de que a assembleia não se reúne por mero acordo espontâneo, mas de que foi convocada pelo Senhor para nutrir-se de sua Palavra e seus dons.<sup>180</sup>

É o último a entrar na Igreja, de modo semelhante ao pastor que reúne as ovelhas dispersas no redil. E ao mesmo tempo que representa Cristo Pastor, representa também a própria Igreja, noiva de Cristo que caminha para as núpcias, pois ao final da caminhada da procissão, o sacerdote beija o altar para reverenciá-lo e indicar a união desta “noiva” que é a Igreja com seu esposo que é o Cristo, que se dá no sacramento.

### 3.1.2 Motivações, fundamentos e sentido bíblico

Na *Didaqué*, já era possível encontrar o preceito dominical: é o dia de *reunidos*, romper o pão e dar graças. O dia do Senhor, é o dia da convocação eucarística da comunidade. Portanto, “assim como há um único pão, também nós embora muitos somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão”.<sup>181</sup> A bela imagem do pão que outrora fora grão de trigo disperso pelo campo e depois de processado tornara-se farinha para, junto à água, tornar-se uma mesma massa, neste contexto é bastante propícia. Haja vista que o povo, do mesmo modo outrora disperso, foi convocado pelo Senhor para formar um só corpo, pela ação unitiva do Espírito Santo, água que vem do céu.<sup>182</sup>

---

<sup>178</sup> Jo 8, 12.

<sup>179</sup> ALADAZÁBAL, 2005, p. 274.

<sup>180</sup> ZILLES, 2001, p. 79.

<sup>181</sup> I Cor 10, 17.

<sup>182</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Liturgia das horas*. v. II. São Paulo: Vozes, et al, 2000. p. 926-927.

Esta reunião se dá desde o momento em que se deixa de fazer as atividades habituais para se reunir em vista de uma celebração. E essa reunião visa formar uma comunidade, com um espírito e motivação comuns. O valor que causa a união dos participantes deve ser único: Jesus Cristo.<sup>183</sup>

É convocado por Deus, todo o seu povo, verdadeiro sujeito, e não só objeto da salvação. De modo que toda a Igreja se torna mediadora pelo batismo e não somente os sacerdotes. Isso é bem explicitado pela constituição *Lumen Gentium*, que apresenta o sacerdócio comum dos batizados,<sup>184</sup> recorda o senso da fé e o carisma dos fiéis,<sup>185</sup> e a participação no múnus sacerdotal de Cristo, que “por meio de suas obras, preces, e iniciativas apostólicas, trabalho cotidiano (...)”,<sup>186</sup> pelos quais são oferecidos como “hóstias espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo”<sup>187</sup>, como oblação na Eucaristia. Deste modo, toda a Igreja torna-se mediadora na celebração dos mistérios.

A assembleia constituída é imagem viva da Igreja, tem comunhão com a Igreja universal e é diversificada pela multiplicidade de funções a serviço do corpo único de Cristo. Isto é o que está representado na procissão de entrada: o povo de Deus, de modo organizado, como já prefigurava as procissões do Antigo Testamento, mistério da Igreja que caminha para o seu Cristo, representado no altar, até que sejam consumados na unidade.<sup>188</sup>

Santo Ambrósio relata a entrada dos catecúmenos na Igreja após a espera de quarenta dias, dizendo que este povo, purificado e enriquecido de dons, marcha para os altares dizendo as palavras do salmo: “subirei ao altar de Deus, que alegra minha juventude”.<sup>189</sup> Preparados para a recepção e tendo sido purificados do antigo erro, renovados pela juventude como a

---

<sup>183</sup> PARISSÉ, Luciano. **A liturgia e a Igreja**. Vozes: Petrópolis, 1968. p. 72-73.

<sup>184</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 50; LG 10.

<sup>185</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1996, p. 51; LG 12.

<sup>186</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1996, p. 80-81; LG 34.

<sup>187</sup> 1 Pe 2,5.

<sup>188</sup> AMARANTE, Maria L. J. de (Coord.). **A celebração da missa**: orientações pastorais e sugestões práticas. Trad. José A. de Souza. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 4.

<sup>189</sup> SI 43,4.

águia,<sup>190</sup> e vendo o santo altar preparado, proclamam: “Tu preparaste uma mesa diante de mim”.<sup>191</sup>

Gregório de Nazianzo desenvolve o simbolismo processional como figura da entrada no santuário celeste. Assim, “todos os detalhes do rito, os salmos, a procissão, os círios, são interpretados à luz da liturgia celeste”.<sup>192</sup> Os salmos indicam a liturgia celeste onde os anjos cantam hinos a Deus, os círios, as almas luminosas e virgens que caminham a frente do esposo.

### 3.1.3 Canto

O sentido e a razão de existir do canto do *introito*, ou *canto de entrada*, está indicado no Missal Romano:

A finalidade desse canto é abrir a celebração, promover a união da assembleia, introduzir no mistério do tempo litúrgico ou da festa, e acompanhar a procissão do sacerdote e dos ministros.<sup>193</sup>

Tal canto pode ser executado em diversas modalidades: “pelos cantores alternando com o povo, pelos cantores e pelo povo ou só pelos cantores”.<sup>194</sup> Ou no caso de não haver cantores, há também a possibilidade de se recitar a antífona de entrada proposta no missal. Que também pode ser utilizada a modo de exortação inicial logo após a saudação inicial.<sup>195</sup> A alternância entre solista e assembleia indica o diálogo sponsal entre Cristo e a Igreja, representados respectivamente. Durante séculos o canto de entrada foi um salmo cantado, alternado com uma antífona. Tal modalidade pode ser usada.

---

<sup>190</sup> SI 103,5.

<sup>191</sup> SI 23,5. DANIELOU, Jean. **Bíblia e liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das principais festas nos padres da Igreja. Trad. Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 148.

<sup>192</sup> DANIELOU, 2013, p. 149.

<sup>193</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 37.

<sup>194</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 37.

<sup>195</sup> INSTRUÇÃO Geral do missal romano. Com. José Aldazábal. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 70.

Busca-se, por meio do canto, congregar e constituir a assembleia introduzindo-a no mistério que será celebrado. Este canto deve, portanto, estar “em consonância com o tempo litúrgico, tipo de celebração, com as características da assembleia (...)”<sup>196</sup> para cumprir sua missão de reunir os irmãos congregados pelo Senhor, no mesmo sentir. Torna-se, portanto, prelúdio da ação litúrgica.

O canto deve ser executado durante a procissão e a incensação (quando houver), até que o sacerdote chegue à cadeira. E não quando a procissão já está a meio caminho, mas acompanhando-a.<sup>197</sup> Dentre as diversas modalidades de execução convém observar que para que se chegue ao objetivo de unir os presentes, é importante que a assembleia participe. Uma das funções do coral é favorecer a participação ativa dos fiéis.<sup>198</sup>

Durante séculos foi clássico que as primeiras palavras do canto inicial dessem o nome ao domingo, ou à própria celebração. Como exemplo é possível citar o domingo *Laetare* (quarto domingo do tempo da quaresma) que assim ficou chamado por causa da antífona latina do canto de entrada:

Alegra-te Jerusalém!  
Reuni-vos, vós todos que a amais;  
Vós que estais tristes, exultai de alegria!  
Saciai-vos com a abundância de suas  
consolações.<sup>199</sup>

Esta antífona de entrada está proposta pelo missal. É conforme o livro de Isaías 66, 10-11. Dá adequadamente o tom do que será celebrado nesse domingo: a alegria pela proximidade da páscoa.<sup>200</sup> É bastante adequado entoar tal antífona, alternando-a com um dos salmos graduais,<sup>201</sup> como por exemplo o salmo 121. Tal prática é plenamente concorde com o que aconselha o documento do concílio Vaticano II,

---

<sup>196</sup> FONSECA, Joaquim. **Cantando a missa e o ofício divino**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 14.

<sup>197</sup> AMARANTE, 1970, p. 33.

<sup>198</sup> AMARANTE, 1970, p. 32.

<sup>199</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 204.

<sup>200</sup> ALDAZÁBAL, 1993, p. 316.

<sup>201</sup> Se chamam *salmos graduais* aos salmos 119 a 133, que os israelitas cantavam, enquanto subiam os degraus do Templo de Jerusalém.

sobre a liturgia para favorecer com suma diligência a conservação do tesouro da música sacra.<sup>202</sup>

Como exemplo de canto pastoral adequado para a entrada nas celebrações da Eucaristia do tempo do advento, tem-se:

Senhor, vem salvar teu povo  
 Das trevas da escravidão  
 Só tu és nossa esperança  
 És nossa libertação!  
**Vem, Senhor, vem nos salvar!**  
**Com teu povo, vem caminhar!**<sup>203</sup>

Tal canto já de início coloca todos diante de Deus como povo reunido em assembleia, congregado e animado pelo Espírito, pedindo pela salvação. Esta mesma assembleia que é a Igreja, clama no tempo do advento, sem cessar: “*Maranatha*, vem, Senhor!”<sup>204</sup> Tem estrofes simples e envolventes.

## 3.2 A PROCISSÃO PARA A PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO

### 3.2.1 Desenvolvimento do rito e sentido litúrgico

Após ter concluído as leituras, “segue-se o aleluia ou outro canto, conforme as exigências do tempo litúrgico”.<sup>205</sup> Inicia-se então a procissão para a proclamação do Evangelho. O presidente da celebração coloca incenso no turíbulo. O diácono pede a bênção ao sacerdote, inclinando-se diante dele. Se não houver diácono ou sacerdote assistente, o próprio presidente da celebração recita a oração diante do altar: “Ó Deus todo poderoso, purificai-me o coração e os lábios, para que eu anuncie dignamente o vosso santo Evangelho”.<sup>206</sup> Então o diácono se aproxima do altar e juntam-se a ele o turiferário e os ministros com as velas acesas. Após ter reverenciado o altar, toma o livro dos Evangelhos, e lava-o

---

<sup>202</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 299; SC 114.

<sup>203</sup> FONSECA, 2005, p. 16.

<sup>204</sup> I Cor 16, 22.

<sup>205</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 54.

<sup>206</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 400.

solenemente ao ambão, precedido pelos acólitos com o turbulo e as velas.<sup>207</sup> Tendo chegado ao ambão, incensa e proclama o Evangelho.

Após ter proclamado, leva o evangeliário para o bispo beijá-lo.<sup>208</sup> Depois o bispo reza em voz baixa a oração: “que as palavras do santo Evangelho perdoem os nossos pecados”.<sup>209</sup>

A leitura do Evangelho aparece como ponto culminante da liturgia da Palavra. Dá-se a ele “especiais mostras de honra”.<sup>210</sup> É uma leitura reservada aos ministros ordenados. Também o beijo que se faz nele, do mesmo modo que no altar à chegada da procissão de entrada, manifesta veneração pela presença do próprio Cristo na Palavra que foi proclamada, “pois é ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras”.<sup>211</sup>

O fato de ser levado processionalmente precedido por velas e incenso, assim como na procissão de entrada, quer manifestar veneração pela presença do Senhor ressuscitado que fala novamente à comunidade reunida.

Vale notar que o ambão permanece em segundo plano, como um lugar mais adequado que facilita a proclamação da Palavra. “O primeiro lugar compete ao livro da Palavra e ao leitor.”<sup>212</sup> O ambão, de qualquer modo, apresenta-se como um sinal da Palavra proclamada, bem como dos livros, que merecem cuidado especial.

Aquele que preside em nome de Cristo “envia o diácono para fazer viver a Palavra do Senhor”.<sup>213</sup> Assim, é do próprio Senhor que deriva o mandato de ir proclamar a sua Palavra.

O gesto de caminhar processionalmente com o evangeliário do altar até o ambão deve despertar na assembleia a consciência de que é o próprio Senhor, presente na celebração eucarística, que fala a seu povo, dirigindo-lhe a sua Palavra salvadora.<sup>214</sup>

<sup>207</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1988, p. 52.

<sup>208</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1988, p. 52.

<sup>209</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 400.

<sup>210</sup> ALDAZÁBAL, 1993, p. 328.

<sup>211</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1994, p. 263; SC 7.

<sup>212</sup> NOCENT, Adrien. História da celebração da Eucaristia. In: MARSILI, Salvatore et al. **A Eucaristia: teologia e história da celebração**. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 230.

<sup>213</sup> NOCENT, 1986, p. 230.

<sup>214</sup> ALDAZÁBAL, 2005, p. 265.

### 3.2.2 Motivações, fundamentos e sentido bíblico

O povo é congregado para a audição da Palavra de Deus. Aproxima-se para ouvir sua voz. Foi convocado para uma dupla nutrição: da Palavra e da Eucaristia.

Segundo Henri-Marie de Lubac, “a Igreja se aproxima de Cristo, seu esposo celeste, desejando casar-se com ele mediante a palavra, a fim de conceber dele e assim salvar-se nesta nova geração de filhos”.<sup>215</sup> De modo que no sopro do Espírito presente na Palavra proclamada, a Igreja gera seus filhos, concebidos sob o sopro de Deus.

Por meio da Palavra proclamada, tem-se a experiência de Deus que lembra de seu povo e a ele se dirige.<sup>216</sup> E o faz como um leão a rugir.<sup>217</sup> Também aquele que lê deve fazê-lo com gravidade e habilidade, para que todos possam ouvi-la e compreendê-la. A oração antes da proclamação, já demonstra que os lábios da pessoa que a vai proclamar, além de preparados, devem ser puros, pois não deve se tratar de uma fala “mecanicista, e sim, portada e repleta pelo Espírito, porque o mensageiro deve ter acolhido primeiro a Boa Nova em seu coração, antes de anunciá-la a assembleia.”<sup>218</sup>

Na antiguidade, os reis que iam a celebração da Eucaristia, depunham a coroa durante a proclamação do Evangelho, e os guerreiros desembainhavam a espada, para indicar que estavam prontos para combater pelo Evangelho e pela fé. De modo similar, atualmente há o gesto de ficar de pé, por deferência ao Evangelho. Toma-se a posição do ressuscitado, e fica-se disposto e atento para ouvir a Palavra, que requer daqueles que a ouvem o seu testemunho.<sup>219</sup>

E assim como na procissão é o clérigo de posição mais alta que vem no fim, assim também o Evangelho é a última leitura bíblica.<sup>220</sup>

Já são Jerônimo atesta o uso de candelabros durante a proclamação do Evangelho, para expressar alegria. E assim como na procissão de

<sup>215</sup> CERVERA, 1984. p. 150.

<sup>216</sup> CARTUXO, Um monge. **A missa: mistério nupcial**. Trad. Mosteiro da Santa Crus. Juiz de Fora: Subiaco, 2015. p. 26.

<sup>217</sup> Am 3, 8.

<sup>218</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 443.

<sup>219</sup> FIORE, Carlo. **A liturgia do povo de Deus**. Lumen Christi: Rio de Janeiro, 1966. p. 50.

<sup>220</sup> FIORE, 1966, p. 50.

entrada se assinala a honra da entrada de Cristo na Igreja, também na procissão para a proclamação do Evangelho o incenso assinala a presença do Cristo que vai falar.<sup>221</sup>

### 3.2.3 Canto

A aclamação antes da leitura do Evangelho geralmente é o *aleluia*. Trata-se de uma aclamação cantada, acompanhada por um versículo que vem proposto no lecionário, após o qual pode se repetir o aleluia. Pode ser entoado por todos, pelo solista ou pelo coral. Esta aclamação tem por si mesma o valor de rito ou de ato, mediante o qual a assembleia recebe e saúda o Senhor que vai falar.<sup>222</sup> Portanto, o próprio Senhor ressuscitado que fala à comunidade é aclamado, e não a leitura.

Quando não se canta o aleluia, como no tempo da quaresma, pode-se cantar outro canto adequado, como a aclamação *glória e louvor a Cristo, verbo de Deus*, à qual se acrescenta o versículo correspondente ao Evangelho proposto no lecionário.

A duração da aclamação, quando há procissão, deve se estender até a chegada do leitor (diácono ou sacerdote) ao ambão, sendo possível repetir a aclamação de modo que não se faça parte da procissão sem o canto, de modo a causar um silêncio incômodo.

Quando ao final da leitura do Evangelho é recitada em voz baixa a oração “pelas palavras do santo Evangelho, sejam perdoados os nossos pecados”, pode-se repetir a aclamação aleluia.<sup>223</sup>

Toda e qualquer aclamação, na liturgia cristã, deve se referir ao inefável mistério de Deus que se manifestou plenamente em Jesus Cristo. O canto que precede a proclamação do Evangelho é, portanto, um viva pascal ao Verbo de Deus que salvou o mundo das trevas, e o “transportou para sua luz admirável”.<sup>224</sup>

---

<sup>221</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 435.

<sup>222</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. Brasília: CNBB, 2008. p. 199.

<sup>223</sup> JUNGSMANN; EMMINGHAUS, 2010, p. 158.

<sup>224</sup> CI 1, 13.

Uma aclamação do Evangelho decente, “deve ter ritmo vigoroso e melodia vibrante”.<sup>225</sup> E deve ser capaz de gerar expectativa e prontidão diante do Senhor que vai falar.<sup>226</sup>

### 3.3 A PROCISSÃO PARA APRESENTAÇÃO DAS OFERENDAS

#### 3.3.1 Desenvolvimento do rito e sentido litúrgico

O missal determina que, “no início da liturgia eucarística devem ser levadas ao altar as oferendas que se converterão no corpo e no sangue do Senhor.”<sup>227</sup> Primeiramente o diácono prepara o altar para receber as oferendas, que logo em seguida são trazidas. É louvável que os fiéis apresentem o pão e o vinho que o sacerdote ou o diácono recebem em lugar conveniente e depõe sobre o altar. Embora os fiéis não tragam de casa o pão e o vinho, conserva-se o sentido espiritual de tal ato.<sup>228</sup>

De acordo com o dia e com a assembleia, a procissão para a apresentação das oblatas pode ter uma amplitude maior ou menor: pode ser feita pelos ministros da credencia até ao altar, ou pelos membros da comunidade de um determinado lugar da nave até o espaço do altar. Esta segunda forma, evidentemente, é muito mais rica de significado. Convém que haja um lugar digno com uma mesa adequada onde fiquem depositados os dons até serem levados ao altar.<sup>229</sup>

Também podem ser recebidos dinheiro e outras doações oferecidas pelos fiéis para o sustento dos pobres ou da Igreja, os quais são postos, não sobre o altar, mas em lugar conveniente.<sup>230</sup>

“É conveniente usar uma única patena de maior dimensão onde se coloca tanto o pão para o sacerdote, quanto para os ministros.”<sup>231</sup> Isso ressalta a unidade do pão, do qual todos participam.

<sup>225</sup> FONSECA, 2005, p. 32.

<sup>226</sup> FONSECA, 2005, p. 32.

<sup>227</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 42.

<sup>228</sup> AMARANTE, 1970, P. 58.

<sup>229</sup> AMARANTE, 1970, P. 58.

<sup>230</sup> INSTRUÇÃO, 2012, p. 89.

<sup>231</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 85.

“As ofertas dos fiéis são recebidas em lugar adequado pelos diáconos ou pelo sacerdote.”<sup>232</sup> E então o pão e o vinho são levados pelos diáconos para o altar. Em seguida o sacerdote toma a patena com o pão e depois o cálice com o vinho e a água misturados e apresenta a Deus as ofertas, por meio das fórmulas correspondentes.<sup>233</sup>

Ao centro do altar o sacerdote se inclina e diz a oração: “De coração contrito e humilde sejamos, Senhor, acolhidos por vós, e seja o nosso sacrifício de tal modo oferecido que vos agrade, Senhor, nosso Deus”.<sup>234</sup> E então são incensadas as oferendas, o presidente da celebração e a assembleia, exprimindo o tom ofertorial simbolizado no incenso, porque tudo está sendo apresentado para ser oferecido a Deus.<sup>235</sup>

A seguir, a oração sobre as oferendas conclui todo o rito das ofertas, recolhe seu sentido espiritual e adianta o destino que a oferta vai ter.<sup>236</sup>

Não convém que sejam levadas na procissão coisas que depois serão retomadas, porque uma vez oferecidas, tornam-se posse daquele para quem se ofereceu.

### 3.3.2 Motivações, fundamentos e sentido bíblico

A motivação da apresentação das oferendas é dupla: expressa a participação na Eucaristia e a partilha com os mais necessitados. Desde o início da Igreja, a celebração da Eucaristia tem a característica de partilha por amor. Isto destaca a unidade entre o sacramento do altar e o sacramento do irmão. Até o século VII havia o costume de doar alimentos, mas depois passou-se a doar dinheiro. Ao serem apresentados o pão e o

---

<sup>232</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1988, p. 53.

<sup>233</sup> Para a apresentação do pão: “Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano, e que agora vos apresentamos, e para nós se vai tornar pão da vida”; e para a apresentação do vinho: “Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo vinho que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano, e que agora vos apresentamos, e para nós se vai tornar vinho de salvação”. (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 402-403).

<sup>234</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 403.

<sup>235</sup> NOCENT, 1986, p. 338.

<sup>236</sup> NOCENT, 1986, p. 337.

vinho, os fiéis apresentam-se a si mesmos, representados naquilo que entregam.<sup>237</sup>

Os padres da Igreja veem nos diáconos a figura dos anjos. Faz-se um paralelismo entre os ministros visíveis e os ministros invisíveis, fundando-se na compreensão de que durante a liturgia o céu e a terra se unem em uma só realidade. Para Teodoro de Mopsuéstia, assim como o altar é figura de Cristo oferecendo-se espiritualmente, também os diáconos são figura dos anjos que rodeiam a liturgia celeste. Isto leva a compreender que o sacrifício eucarístico é imagem do sacrifício celeste, portanto, participação sacramental do único sacrifício celeste.<sup>238</sup>

Entendendo a Eucaristia como memorial da paixão do Senhor, Teodoro de Mopsuéstia vê no diácono figuras daqueles que receberam o Senhor para a paixão, dizendo que aqueles que apresentam o cálice e a patena devem pensar que da mesma oblação que apresentam surgirá Nosso Senhor Jesus Cristo. Vê-se na deposição das oferendas sobre o altar uma figura da deposição do corpo do Senhor no sepulcro pela utilização das toalhas de linho.<sup>239</sup> Convém ressaltar que estes aspectos são voltados à compreensão plena pascal, por meio da linguagem sacrificial que neste momento da celebração se lê com a ótica da paixão e cruz, sem a qual não haveria a ressurreição.

O fato de os fiéis saírem de seus lugares e irem em modo de procissão depositar suas ofertas, em lugares destinados para isso, próximo do altar, dá melhor espírito e forma, de modo que se pode compreender que estas ofertas, antes de chegarem ao seu destino terreno, são oferta a Deus e passam através do altar, mesa comum da comunidade cristã. Quando se trata de arrecadação, esta ideia fica excluída.<sup>240</sup>

Embora quem apresente os dons do pão e do vinho com água diante do altar sejam dois ou três fiéis, é feito de modo simbólico por toda a comunidade reunida, porque cada um é chamado a apresentar diante de Deus suas ofertas, em obediência à prescrição de Moisés: “Ninguém aparecerá perante o Senhor de mãos vazias”.<sup>241</sup> “Ninguém deve aparecer

---

<sup>237</sup> BUCCIOL, 2019, p. 137.

<sup>238</sup> DANIÉLOU, 2013, p. 149-150.

<sup>239</sup> DANIÉLOU, 2013, p. 151.

<sup>240</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 506.

<sup>241</sup> Dt 16, 16.

diante de Deus com as mãos vazias porque a vocação do homem é fazer passar o mundo entre suas mãos, para oferecê-lo a Deus.”<sup>242</sup>

Santo Agostinho recordava que, naquilo que os fiéis apresentam, eles mesmos se apresentam e são, deste modo, eles mesmos a serem colocados sobre o altar, de modo a serem eles mesmos o sacrifício que se oferece.<sup>243</sup>

Convém ressaltar que o que se realiza neste momento da celebração da Eucaristia é a *apresentação* das oferendas, porque a verdadeira oferenda de Cristo se realiza na oração eucarística.<sup>244</sup>

O sujeito da apresentação é cada fiel, porque ao apresentar as oferendas cumpre o ato sacerdotal ao qual cada ser humano é chamado. Tal sacerdócio é uma atitude, em primeiro lugar existencial, “que encontra na liturgia sua plena epifania sacramental”.<sup>245</sup> Cada membro da assembleia, ao caminhar processionalmente, realiza aquele caminho pelo qual depõe sobre o altar sua vida inteira,

(...) porque leva perante o Senhor o fruto do encontro entre ele e a criação, porque ele como aqueles dons, é parte da criação de Deus, é fruto da natureza, da história, da cultura e do ininterrupto trabalho de humanização que desde que veio ao mundo outros realizaram sobre ele e que ele mesmo continuou.<sup>246</sup>

Como as oferendas são parte da criação, na verdade se oferece na Eucaristia a criação inteira, de modo que na celebração se vê em símbolo, a consumação da renovação da face da terra pela ação do Espírito,<sup>247</sup> sendo a própria criação assumida pelo seu criador.

No pão e no vinho que são apresentados para que se tornem, pela ação do Espírito, corpo e sangue do Senhor, está toda a vida do ser humano também a ser transformada pela obra de santificação operada pelo Espírito, de modo que, em última instância o próprio ser humano é divinizado.<sup>248</sup>

---

<sup>242</sup> BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. Trad. Mosteiro de Santa Teresa de São Paulo. Brasília: CNBB, 2017. p. 88.

<sup>243</sup> BOSELLI, 2017, p. 88.

<sup>244</sup> AMARANTE, 1970, p. 56.

<sup>245</sup> BOSELLI, 2017, p. 89.

<sup>246</sup> BOSELLI, 2017, p. 89.

<sup>247</sup> SI 103, 30.

<sup>248</sup> BOSELLI, 2017, p. 89.

Levam-se pão e vinho ao altar, por serem estes elementos que o Senhor tomou em suas mãos. Na Eucaristia se bendiz, não o pão e o vinho, mas o Senhor por estes dons. Assim, o pão e o vinho são apresentados, não porque o Senhor precise deles ou se alimente deles, mas são apresentados a Deus para que, santificados pela força do Espírito, se tornem pão da vida e bebida espiritual, de modo que o mesmo pão levado pelos fiéis, volta a eles como corpo de Cristo.

Por serem apresentados dons para a comunidade cristã e para os pobres, contempla-se também uma ética eucarística, pela qual se une à oferta do povo a oferta de Cristo na cruz.<sup>249</sup> A participação desta oferta, São Cipriano já dizia ser uma obrigação de consciência de todos os fiéis.<sup>250</sup> Para tal ato de partilha, se encontra no Evangelho sua motivação perfeita: a viúva, *foi até o cofre* e ofereceu “em sua pobreza, tudo o que tinha para viver”.<sup>251</sup>

Ao caminhar para o altar com os dons que serão oferecidos, o povo oferece a Deus algo de si mesmo, “a fim de que todos se convertam em *oferenda permanente e vítimas vivas*”.<sup>252</sup>

Começa-se por apresentar a Deus pão e vinho, por si mesmos carentes de valor e significado, e os fiéis colocam-se neles enriquecendo-os com certo significado. No entanto, o valor não mudou, ou talvez tenha até diminuído, por serem todos os seres humanos pobres pecadores. Entretanto, apesar de sua miséria, há em seus corações um secreto canto de alegria, porque sabem que a pouco não haverá somente pão e vinho: haverá *outro*. Então sim, todo sacrifício terá valor.<sup>253</sup>

### 3.3.3 Canto

O rito da apresentação das oferendas pode vir acompanhado de um canto que, quando acompanha a procissão, é chamado de canto da procissão das oferendas. O canto pode se estender durante todo o rito, ou perdurar até o final da procissão e cessar.<sup>254</sup> Após a procissão, o rito de

---

<sup>249</sup> BOSELLI, 2017, p. 95.

<sup>250</sup> NOCENT, 1986, p. 242.

<sup>251</sup> Mc 12, 44.

<sup>252</sup> ALADAZÁBAL, 1993, p. 338.

<sup>253</sup> CARUXO, 2015, p. 73.

<sup>254</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 43.

apresentação pelo sacerdote pode ser respondido pela assembleia, inclusive por cantando as respostas.<sup>255</sup>

Não é sempre necessário, nem desejável tal canto, principalmente quando não há a procissão solene dos dons.<sup>256</sup>

O missal romano não traz indicação de antífona, como acontece na entrada e comunhão. De qualquer modo, é importante ter em conta, ao escolher o canto a ser entoado neste momento, que ele deve estar em consonância com o momento da apresentação dos dons, e que seu objetivo deve ser o de “criar um ambiente de partilha e de louvor.”<sup>257</sup>

Conforme demonstram as antífonas previstas no *Graduale Romanum*, não há necessidade de o canto falar de pão e vinho, tampouco de oferecimento ou oblação.<sup>258</sup> É importante que haja a valorização do texto proposto pelo missal para o rito de apresentação pelo sacerdote, do pão e do vinho, por ser parte integrante do rito. No caso de ser cantado este ritual,<sup>259</sup> é possível que se faça um solo ou interlúdio musical no momento em que os dons são levados ao altar.<sup>260</sup>

Santo Agostinho informa que enquanto eram levadas as oferendas, se cantava um salmo,<sup>261</sup> o que também pode ser feito atualmente.

Como exemplo de canto para a apresentação das oferendas é possível citar:

**Sabes, senhor  
O que temos é tão pouco pra dar  
Mas esse pouco, nós queremos  
Com os irmãos compartilhar**

Queremos nesta hora, diante dos irmãos  
Comprometer a vida, buscando a união.

Sabemos que é difícil, os bens compartilhar

---

<sup>255</sup> FONSECA, 2005, p. 34.

<sup>256</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A música litúrgica no Brasil:** um subsídio para quantos se ocupam da música litúrgica na Igreja de Deus que está no Brasil. São Paulo: Paulus, 1999. p. 140.

<sup>257</sup> FONSECA, 2005, p. 34.

<sup>258</sup> CNBB, 1999, p. 140.

<sup>259</sup> No próprio missal há partituras como sugestão de melodia para cantar estas palavras.

<sup>260</sup> FONSECA, 2005, p. 34.

<sup>261</sup> NOCENT, 1986, p. 243.

Mas com a tua graça, senhor, queremos dar.

Olhando o teu exemplo, senhor, vamos seguir  
Fazendo o bem a todos, sem nada exigir.<sup>262</sup>

Outro exemplo de canto para a apresentação dos dons se encontra no próprio missal, na missa da Ceia do Senhor.

**Onde o amor e a caridade, Deus aí está.**

Congregou-nos num só corpo  
O amor de Cristo;  
exultemos, pois, e nele  
jubilemos.  
Ao Deus vivo nós temamos  
Mas amemos;  
e sinceros, uns aos outros,  
nos queiramos.<sup>263</sup>

Neste caso, tem-se um canto intercalando antífona e estrofes, que aborda exatamente o tema central da celebração desse dia: a caridade de Cristo pela humanidade que deve ser a mesma dos seus discípulos.

### 3.4 A PROCISSÃO PARA A COMUNHÃO

#### 3.4.1 Desenvolvimento do rito e sentido litúrgico

O rito da comunhão é ponto de referência para toda a celebração, porque tudo nela tende a que os fiéis cheguem a comunhão devidamente dispostos. Para isso destinam-se os três momentos que a antecedem: o Pai-nosso, o rito da paz e a fração do pão.<sup>264</sup>

Após a apresentação do pão eucarístico aos fiéis e a comunhão do sacerdote, os fiéis se aproximam da Ceia do Senhor, para juntos participar dela. “Confessando a própria humildade (Senhor eu não sou digno...) e a própria fé (...O corpo de Cristo. *Amém.*) aceitam e desejam tornar-se sempre mais o corpo místico de Cristo”.<sup>265</sup>

<sup>262</sup> PIRES, Lindberg. Sabes, Senhor. In: DIOCESE DE JOINVILLE. **Aclamai com amor e fé**. 4. ed. [s.n.]. Joinville, 2010. p. 379.

<sup>263</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 249.

<sup>264</sup> INSTRUÇÃO, 2012, p. 93.

<sup>265</sup> AMARANTE, 1970, p. 66.

O sacerdote, após comungar se aproxima dos fiéis que avançam em procissão e lhes distribui a Eucaristia.<sup>266</sup> Deste modo, os fiéis vêm juntos participar do banquete da nova aliança. E o fazem por meio de uma procissão em que o povo marcha ao encontro do seu Senhor que quer ser o pão que dá a vida ao mundo.<sup>267</sup>

Os comungantes se aproximam um a um do ministro, fazendo a devida reverência. À fórmula habitual “O corpo de Cristo”, cada comungante responde “Amém”.<sup>268</sup> Depois de ter recebido o corpo de Cristo e comungado, o fiel deve se afastar ligeiramente para não atrapalhar a procissão, retornando ao seu lugar. É recomendável que se receba a comunhão em hóstias consagradas na mesma celebração da Eucaristia e que se participe do cálice, conforme previsto, a fim de que por meio dos sinais se manifeste melhor a participação no sacrifício celebrado.<sup>269</sup>

Após a distribuição, um dos diáconos leva para o sacrário a Eucaristia que tiverem sobrado e outro diácono procede à purificação.<sup>270</sup> Após a comunhão, pode haver um breve momento de silêncio. E em seguida, faz-se a oração pós-comunhão, que conclui o rito.<sup>271</sup>

### 3.4.2 Motivações, fundamentos e sentido bíblico

“É aspecto essencial da Eucaristia ser alimento espiritual sob as espécies do pão e do vinho.”<sup>272</sup> Da mesma forma que outrora os judeus que participavam do sacrifício e comiam as vítimas sacrificadas, participavam todos do mesmo altar, aqueles que participam da Eucaristia, reunidos participam do mesmo Cristo.

No momento de comungar há um pequeno diálogo entre o ministro e o fiel. Com este diálogo se especifica a fé com que se deve aproximar

---

<sup>266</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 57.

<sup>267</sup> AMARANTE, 1970, p. 68.

<sup>268</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 57.

<sup>269</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 45.

<sup>270</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1988, p. 57.

<sup>271</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 46.

<sup>272</sup> DANIELOU, 2013, p. 158.

do sacramento. Santo Ambrósio já atestava isto e tal costume precede o século IV.<sup>273</sup>

A Igreja que caminha para a comunhão é uma parábola da Igreja a caminho da união com seu Esposo celeste. Uma comunidade escatológica que transcende a si mesma e avança para a meta proposta. Isto não quer dizer que não haja o que fazer aqui e agora, mas se constitui uma expressão de que se viaja com esperança, como o fizeram os discípulos de Emaús,<sup>274</sup> que ao andar tinham o coração aquecido pelas palavras do Senhor, e ao chegar ao seu destino, reconheceram Jesus ao partir o pão.<sup>275</sup>

Ainda que não haja a possibilidade da aproximação do altar para participação da comunhão, a orientação daquele que comunga para o altar, indica a orientação para a mesa comum. Porque todos participam da mesma mesa e do mesmo pão.

A postura mais adequada para se receber a comunhão é a de que o fiel permaneça de pé.<sup>276</sup> “Esta postura foi, desde sempre, a mais condizente com a celebração de tom pascal, como é a Eucaristia.”<sup>277</sup> Voltando ao uso antigo e de grande significação, “os ressurgidos vão de pé e cantando receber o ressuscitado”.<sup>278</sup> Convém lembrar que a instrução *Redemptionis Sacramentum* garante o direito de que àqueles pedem de modo oportuno a comunhão, e estejam bem dispostos e que não lhes seja proibido o direito de receber. “Assim pois, não é lícito negar a sagrada Comunhão a um fiel, por exemplo, só pelo fato de querer receber a Eucaristia ajoelhado ou de pé.”<sup>279</sup>

Em Cluny havia o costume de se receber a comunhão com os pés descalços. Santa Hildegarda de Bingen, determinou que suas monjas recebessem a comunhão vestidas de branco e com uma coroa que na frente tinha a imagem do cordeiro. Na alta Idade Média havia o costume, em alguns lugares de se beijar o chão antes de receber a comunhão. De

<sup>273</sup> NOCENT, 1986, p. 352.

<sup>274</sup> Lc 21, 13-35.

<sup>275</sup> ALDAZÁBAL, 2005, p. 266.

<sup>276</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 74.

<sup>277</sup> NOCENT, 1986, p. 352.

<sup>278</sup> FIORE, 1966, p. 59.

<sup>279</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Redemptionis Sacramentum*. Vaticano: 2004. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_doc\\_20040423\\_redemptionissacramentum\\_po.html#CAP%C3%8DTULO%20IV](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionissacramentum_po.html#CAP%C3%8DTULO%20IV)>. Acesso em: 24 jun. 2019.

qualquer modo, o costume de prestar reverência ao chegar diante do ministro com o sacramento, sempre foi usual.<sup>280</sup>

Vale citar a descrição das catequeses Mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém, que narra a maneira de se aproximar da comunhão:

Quando te aproximares, não avances com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados, mas faze de tua mão esquerda um trono para tua mão direita, porque esta deve receber o Rei, e no centro de tua mão recebe o corpo de Cristo, dizendo Amém.<sup>281</sup>

Estes gestos são encontrados em todo o mundo cristão. Esta quarta procissão também se destina a um encontro: o encontro da comunhão. A coabitação prenunciada pelos profetas foi interpretada com sentido de um matrimônio. Esta coabitação,<sup>282</sup> posteriormente se converteu em inabitação,<sup>283</sup> e todo o conceito de matrimônio foi superado pela superioridade do novo vínculo. Assim, tal intimidade chega a tornar-se uma relação pessoal entre Deus e o indivíduo.

A Igreja é esposa de Cristo. E é a própria Eucaristia que sugere a união de máxima intimidade: “quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele”.<sup>284</sup> O Senhor queria que comessem sua carne e bebessem seu sangue porque desejava intimidade. Quer chegar onde nenhum amor humano pode chegar: se me comeis, então poderei morar em vós. Quer que sua esposa seja com ele um só corpo.<sup>285</sup>

### 3.4.3 Canto

Os cristãos formam um povo que marcha para o céu. Recordando, por isso, os antigos hebreus em marcha para a terra prometida, os fiéis se aproximam do banquete eucarístico cantando em procissão, exprimindo sua alegria de participar da mesa fraterna.<sup>286</sup>

---

<sup>280</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 820.

<sup>281</sup> MARTIMORT, 1989, p. 117.

<sup>282</sup> Habitar junto.

<sup>283</sup> Habitar dentro.

<sup>284</sup> Jo 6, 56.

<sup>285</sup> CARTUXO, 2015, p. 62-63.

<sup>286</sup> FIORE, 1966, p. 58.

Enquanto o sacerdote e os fiéis comungam, entoa-se o canto da comunhão: “(...) pela unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, demonstra a alegria dos corações e torna mais fraternal a procissão dos que vão receber o Corpo de Cristo”.<sup>287</sup> Começa quando o sacerdote comunga e termina com a purificação, quando todos tiverem comungado.

É possível utilizar a antífona que vem indicada no missal, como no caso da celebração da Eucaristia da solenidade de *Corpus Christi*: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele, diz o Senhor”.<sup>288</sup> Neste caso, convém intercalar com algum salmo, como por exemplo o salmo 33.

“A procissão da comunhão se presta muito para um canto executado inteiramente pelo povo”,<sup>289</sup> a alternância com um solista ou mesmo um coral, pode possibilitar um canto mais tranquilo.

Uma explicação da celebração da Eucaristia carolíngia observa que uma melodia suave deve tocar os ouvidos dos fiéis de modo que, pelo seu som, se preocupem menos com pensamentos ociosos, e seus corações se sintonizem com o amor e a humildade daquilo que recebem.<sup>290</sup>

Devem ser evitados cantos cujos textos apresentem excessivas doses de subjetivismo e intimismo. Deve-se, ao contrário, expressar a eclesialidade da assembleia celebrante. Convém evitar também cantos e hinos que tradicionalmente são usados na adoração do Santíssimo Sacramento, por faltar as dimensões do mistério celebrado, como a ação de graças, a comunhão, memorial da páscoa e antecipação escatológica. É conveniente também que o canto da comunhão esteja em consonância com o Evangelho proclamado.<sup>291</sup>

Veja-se outro exemplo de canto para a comunhão, que pode ser entoado nas celebrações da Eucaristia da semana do tempo comum:

1. É bom estarmos juntos à mesa do Senhor  
e unido na alegria, partir o Pão do Amor.

---

<sup>287</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 45.

<sup>288</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 381. (Jo 6, 57).

<sup>289</sup> AMARANTE, 1970, p. 71.

<sup>290</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 833.

<sup>291</sup> FONSECA, 2005, p. 60.

**Na vida caminha quem come deste pão.**

**Não anda sozinho quem vive em comunhão.**

2. Embora sendo muitos, é um o nosso Deus.

Com Ele, vamos juntos, seguindo os passos seus.

3. Formamos a Igreja, o Corpo do Senhor;

que em nós o mundo veja a luz do seu amor.(...)<sup>292</sup>

Este canto contribui muito para a assimilação pela assembleia, e está bem de acordo com a eclesiologia e o mistério da Eucaristia.

Enquanto todos caminham cantando para o encontro com o Senhor em sacramento, devem sentir-se como povo que caminha na vida e na história sustentados pelo pão que o Senhor nos deu, que é o próprio Senhor que se fez *Pão da Vida*<sup>293</sup> para sustentar a todos na caminhada deste mundo.<sup>294</sup>

---

<sup>292</sup> KOLLING, Mirian. Na vida caminha. In: DIOCESE DE JOINVILLE. **Aclamai com amor e fé**. 4. ed. [s.n.]. Joinville, 2010. p. 605.

<sup>293</sup> Jo 6.

<sup>294</sup> BUCCIOL, 2019, p. 154.



## CONCLUSÃO

Para a realização deste trabalho, foram utilizados os mais diversos tipos de materiais, tais como livros e manuais sobre teologia litúrgica, dicionários de liturgia, além de revistas e dissertações.

Teve uma estrutura de três partes. Na primeira parte foi apresentada a temática da procissão em âmbito mais amplo. Foram buscados fundamentos para a compreensão da fenomenologia da procissão e para uma possível análise delas; bem como foi feita uma explanação sobre a procissão em aspecto ritual (objeto principal desta pesquisa) e devocional.

Na segunda parte, a pesquisa encontrou elementos antropológicos, bíblicos e eclesiológicos das procissões perpassando as diversas épocas da história do culto religioso, da religião e mormente na história da Igreja.

Na terceira e última parte, a pesquisa teve por objetivo investigar as procissões que ocorrem ordinariamente na celebração litúrgica da Eucaristia e expôs seu sentido *mistagógico*. Para isto, foram abordadas as normas previstas nos livros litúrgicos, procurou-se compreender o sentido e fundamento bíblico próprio de cada procissão, os cantos que as acompanham e também os símbolos e gestos nelas presentes. Por fim, teve-se a pretensão de apontar elementos importantes e indicar de que modo é possível celebrar bem a fé a partir dos símbolos.

Como resultado foi possível descobrir a relevância e a confluência entre liturgia e Mistério, e compreender que o fundamento de toda ação litúrgica está na Encarnação do Verbo de Deus, que assumindo a condição humana, tornou possível a comunicação plena entre Deus e os seres humanos. E perpassando ainda que brevemente a história das procissões, foi possível perceber que este gesto de caminhar ritualmente está intimamente ligado a história da humanidade, das religiões e da Igreja, sendo um ato adotado em diversos tempos e lugares.

Foram expostos o sentido de cada uma das procissões que ordinariamente são realizadas na celebração da Eucaristia: entrada, evangelho, apresentação das oferendas e comunhão.

Poder-se-ia perguntar: o ser humano atualmente pode ainda reconhecer e compreender os sinais litúrgicos? Vive-se atualmente uma grande desvalorização do sagrado e dos símbolos. E a liturgia é constituída justamente desta realidade simbólico-sacramental. Ainda que os sacramentos operem o efeito da salvação comunicada por eles, corre-se o risco de deixar escapar este encontro humano com Deus por meio dos sentidos proporcionado pela liturgia. Celebrar é introduzir o ser

humano na comunhão com Cristo, por meio da ação litúrgica. O que se requer, inclusive maior consciência daquilo que se realiza.

Por vezes foram expostas compreensões dos símbolos litúrgicos por meio de leituras tipológicas. O próprio Senhor a utilizou sendo cumprimento das promessas e a plena realização das imagens que o apontavam no Antigo Testamento. Por tipológica se entende a leitura possibilitada por meio de interpretação conforme a concepção adquirida com o passar do tempo, progressiva e de modo linear.

Também foram expostas compreensões de cunho alegórico, quando se buscou expor por meio de uma forma de exegese, certa ligação de realidades do mundo atual com o mundo divino. Isto porque se partiu do pressuposto de que, se o tempo cristão é sacramental, então comporta também uma dimensão vertical, de modo que as realidades futuras de algum modo já estão presentes no mundo agora, mormente na liturgia que, como exposto no desenvolvimento deste trabalho, é antecipação da vida futura. Assim, tornou-se possível olhar para a realidade das procissões, e apontar para o Mistério.

A liturgia cristã precisa tornar-se sempre mais fonte de vida para os fiéis. Assim como a leitura das Sagradas Escrituras (mormente a *lectio divina*) permite aprofundar-se no mistério revelado por Deus nas palavras escritas e proclamadas na assembleia cristã, e torna possível que sejam praticadas, também a iniciação aos símbolos (mistagogia) introduz na realidade do Mistério. Isto se dá sobretudo no próprio ato de celebrar com todo o ser.

Embora haja frequentes motivações para que os fiéis se alimentem da Sagrada Escritura e a busquem com frequência, infelizmente não se observa que os fiéis foram educados da mesma forma para receberem o *alimento da fé* na sagrada liturgia. Pensando que isso é de suma importância para a vida dos batizados, é que este trabalho foi desenvolvido.

Os fiéis precisam aproximar-se da liturgia da Eucaristia, que é fonte e ápice de suas vidas, compreendendo melhor sua dinâmica para que possam interiorizar melhor seu conteúdo e seu significado e a celebrar de maneira plena. A liturgia é um conjunto de sinais eficazes, que mais do que compreendê-los faz experimentá-los. Mas sua participação requer de todos, pleno assentimento da consciência e dos sentidos.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO DE HIPONA. Sermão ao povo. In: Santo Agostinho. **Comentário aos Salmos**. Coleção Patrística. v. 9/3. Trad. Mosteiro Maria do Cristo. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- ALDAZÁBAL, José. **Gestos e Símbolos**. Trad. Alda A. Machado. São Paulo: Loyola, 2005.
- ALDAZÁBAL, José. In: BOBOBIO, Dionísio. A Eucaristia. (Org.). **A Celebração na Igreja II: sacramentos**. v. 2. Trad. Luiz J. Gaio. São Paulo: Loyola, 1993.
- ALDAZÁBAL, José. **Vocabulário Básico de Liturgia**. Trad. Paulinas Portugal. São Paulo: Paulinas, 2013.
- AMARANTE, Maria L. J. de (Coord.). **A celebração da missa: orientações pastorais e sugestões práticas**. Trad. José A. de Souza. Petrópolis: Vozes, 1970.
- AMIOT, François. **A Missa e sua História**. Trad. Religiosas da Companhia da Virgem. São Paulo: Flamboyant, 1958.
- ARANDA, Alberto. Como celebramos? In: CELAM. **Manual de liturgia I: A celebração do mistério pascal - introdução à celebração litúrgica**. v. 1. Trad. Maria S. Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004.
- ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS. **Via Pulchritudinis: o caminho da beleza**. Trad. Cláudio Pastro. São Paulo: Loyola, 2007.
- AUGÉ, Matias. **Espiritualidade Litúrgica**. Trad. Comerciando B. D. Costa. São Paulo: Ave Maria, 2012.
- AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia e espiritualidade**. Trad. Comerciando B. D. Costa. São Paulo: Ave-Maria, 1996.
- BECKHÄUSER, Alberto. Expressões Celebrativas da Piedade Popular. CELAM. **Manual de Liturgia IV: a celebração do mistério pascal – outras expressões celebrativa do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja**. Trad. Herman H. Watzlawich. São Paulo: Paulus, 2007.

BECKHÄUSER, Alberto. **Os fundamentos da Sagrada Liturgia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BELLOSO, Josep M. R. **Os Sacramentos**: símbolos do espírito. Trad. Thiago Gambi. São Paulo: Paulinas, 2005.

BENTO DE NÚRCIA. **A Regra de São Bento**. Trad. João E. Eunout. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2008.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOGAZ, S. Antônio; SIGNORINI, Ivanir. **A Celebração Litúrgica e seus Dramas**. São Paulo: Paulus, 2003.

BOROBIO, Dionísio. **História e Teologia Comparada dos Sacramentos**: o princípio da analogia sacramental. Trad. José J. Sobral. São Paulo: Loyola, São Paulo: Ave Maria, 2017.

BOROBIO, Dionísio. Matrimônio. In: BOBOBIO, Dionísio. (Org.). **A Celebração na Igreja II**: sacramentos. v. 2. Trad. Luiz J. Gaio. São Paulo: Loyola, 1993.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. Trad. Mosteiro de Santa Teresa de São Paulo. Brasília: CNBB, 2017.

BUCCIOL, Armando. **Sinais e símbolos, gestos e palavras na liturgia**: para compreender e viver a liturgia. Brasília: CNBB, 2019.

CARTUXO, Um monge. **A missa**: mistério nupcial. Trad. Mosteiro da Santa Crus. Juiz de Fora: Subiaco, 2015.

CARVALHO, E. C B. de. Ártemis e Ísis: duas faces de uma mesma divindade. **Principia XXXII**: Revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 19, n. 32.

CARVALHO, Geraldo B. **Sinais e Símbolos**. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/sinais-e-simbolos/21678>> Acesso em: 20 mar. 2019.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CERVERA, Jesus C. A Igreja, Esposa de Cristo: nos padres da Igreja e na liturgia. In: **A Igreja no seu mistério**. Trad. Olivo Cesca. Cidade Nova: São Paulo, 1984.

CÓDIGO de Direito Canônico. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 2017.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: VIER, Frederico (Coord.). COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A música litúrgica no Brasil**: um subsídio para quantos se ocupam da música litúrgica na Igreja de Deus que está no Brasil. São Paulo: Paulus, 1999.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Cerimonial dos Bispos**: cerimonial da Igreja. São Paulo: Salesiana de Dom Bosco; Paulinas, 1988.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia**: princípios e orientações. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_doc\\_20020513\\_vrs-direttorio\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vrs-direttorio_sp.html)>. Acesso em: 27 de mar 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. Brasília: CNBB, 2008.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Redemptionis Sacramentum**. Vaticano: 2004. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregatio](http://www.vatican.va/roman_curia/congregatio)

ns/ccdds/documents/rc\_con\_ccdds\_doc\_20040423\_redemptionissacramentum\_po.html#CAP%C3%8DTULO%20IV>. Acesso em: 24 jun. 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. São Paulo: Paulus, 1992.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgia das horas**. v. II. São Paulo: Vozes, et al, 2000.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal cotidiano**: completo, em latim e português, com o próprio do Brasil. Trad. Beda Keckeisen. 21. ed. Bahia: Beneditina, 1960.

COSTA, Valeriano Santos. **Viver a Ritualidade Litúrgica como Momento Histórico da Salvação**: participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.

DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das principais festas nos padres da Igreja. Trad. Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2013.

FERNANDEZ, Pedro. A celebração litúrgica: fenomenologia e teologia da celebração. In: BOBOBIO, Dionísio. (Org.). **A Celebração na Igreja I**: liturgia e sacramentologia fundamental. v. 1. Trad. Adail U. Sobral. São Paulo: Loyola, 1993.

IORE, Carlo. **A liturgia do povo de Deus**. Lumen Christi: Rio de Janeiro, 1966.

FONSECA, Joaquim. **Cantando a missa e o ofício divino**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

GUARDINI, Romano. *Die Liturgie und die geistige Situation unserer Zeit*. In: BERGER, Rupert (Dir.). **Dicionário de Liturgia Pastoral**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Loyola, 2010.

INSTRUÇÃO Geral do missal romano. Com. José Aldazábal. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

JEDIN, Hubert. **Manual de História de la Iglesia**. v. 1. 2. ed. Barcelona: Herder, 1980.

JILEK, A. Procissão das oferendas. In: BERGER, Rupert (Dir.). **Dicionário de Liturgia Pastoral**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Loyola, 2010.

JUNGMANN, Josef A. *Missarum Sollemnia*: origens, liturgia, história e teologia da missa romana. Trad. Monika Ottermann. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

KOLLING, Mirian. Na vida caminha. In: DIOCESE DE JOINVILLE. **Aclamai com amor e fé**. 4. ed. [s.n.]. Joinville, 2010.

LEÃO MAGNO. Segundo Sermão na Ascensão do Senhor. In: \_\_\_\_\_ **Sermões**. Coleção Patrística. v. 6. Trad. Sérgio J. Schirato e outros. São Paulo: Paulus, 1996.

MARIA, Augusto. **Exposição histórico-litúrgica da santa missa**. São Paulo: Paulinas, 1962.

MARSILI, Salvatore. **A Eucaristia**: teologia e história da celebração. Trad. Benoni Lemos. São Paulo: Paulus, 1986.

MARTIMORT, Aimé G. **A Igreja em oração**: introdução à liturgia – a Eucaristia. Trad. Almir R. Guimarães. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1989.

MARTÍN, JÚLIAN L. **A Liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Trad. Antônio E. Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006.

MOTA, Thiago E. A. Ritos de morte e celebração heroica na Roma de Virgílio: os funerais de Palante e a memória de Anquises. In: **XXVI Simpósio Nacional de História, Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. p. 11. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300548999\\_ARQUIVO\\_TextoANPUHNACIONALThiagoEustaquioAraujo.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300548999_ARQUIVO_TextoANPUHNACIONALThiagoEustaquioAraujo.pdf)>. Acesso em: 02 mai 2019.

NASSER, Maria C. Q. C. **O Que Dizem os Símbolos**. São Paulo: Paulus, 2003.

NOCENT A. Storia dei libri liturgici romani. **Anàmnesis II: La Liturgia**. Panorama storico generale. Genova: Marieti, 1983.

NOCENT, Adrien. História da celebração da Eucaristia. In: MARSILI, Salvatore et al. **A Eucaristia: teologia e história da celebração**. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1986.

NUCLEO DE CATEQUESE DAS PAULINAS. **Mistagogia: do visível ao invisível**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 15.

OLIVEIRA, Elza. Procissões - De estratégia de territorialidade à expressão de religiosidade popular. **Sacrilegens: Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF**, Juiz de Fora, v. 9, n.2, p. 15-32, jul-dez/2012. p. 17. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2013/03/9-2-3.pdf> >. Acesso em: 29 abr. 2019.

PARISSE, Luciano. **A liturgia e a Igreja**. Vozes: Petrópolis, 1968.

PIRES, Lindberg. Sabes, Senhor. In: DIOCESE DE JOINVILLE. **Aclamai com amor e fé**. 4. ed. [s.n.]. Joinville, 2010.

RATZINGER, Ioseph. **Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã**. Trad. Fabio M. de C. Araújo. Brasília: CNBB, 2019.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Espírito da Liturgia**. Trad. Jana A. Olsansky. Paulinas: São Paulo, 2001.

ROUET. Albert. **A missa na história**. Tradução Maria C. de M. Duprat. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

SARTORE, Domenico. TRIACCA, Achille M. **Dicionário de Liturgia**. Trad. Isabel F. L. Pereira. São Paulo: Paulinas, 1992.

SOUZA, Luiz R. de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IRFN, 2013.

TERRIN, Aldo N. **O Rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. Trad. José M. de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.

VAGAGGINI, Cipriano. **O Sentido Teológico da Liturgia**. Trad. Francisco F. de Moraes. São Paulo: Loyola, 2009.

WEGMAN, H. A. J. et al. Procissão. In: BERGER, Rupert (Dir.). **Dicionário de Liturgia Pastoral**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Loyola, 2010.

ZÉTOLA, Bruno M. Triunfos militares e a legitimação do poder na Antiguidade romana. *Métis: história & cultura: revista de história da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul*, v. 5, n. 10, p. 35-59, jul./dez. 2006.

ZILLES, Urbano. **Significação dos símbolos cristãos**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.